

As férias acabaram, e agora?

Especialista orienta pais e professores acerca do que pode ser feito para ajudar o aluno a se adaptar à volta às aulas

Gestão Escolar:

Síndrome de Burnout, um mal que atinge o professor dentro e fora da sala de aula. Saiba o que fazer para tratar e evitar a doença

Saúde:

Descubra como o conhecimento está vencendo a guerra no combate ao *Aedes aegypti*, responsável pela transmissão da Dengue, Zika e Chikungunya





Leituras audiovisuais: forma, conteúdo e desafios

Denis Gerson Simões*

"O televisor está ligado, luzes e sons psicodélicos transbordam pela sala de estar. O silêncio toma a cena, só se ouve o ruído de tímidos passos. Em instantes na tela um personagem entra em cena. Como que seu ponto de vista, a câmera gira 180°, mostrando o ambiente em plano geral: ele espirra, olha para os lados. Fecha um superclose: uma lágrima rola pelo rosto. O plano detalhe destaca um envelope e seu bolso traseiro: a mão leve tira-o e, pelo canto já rasgado do papel, cai um fino e leve pó branco. O homem chora."

Mesmo sem uma única palavra verbal as imagens e os sons transmitiram ao expectador informações que o fizeram acessar seu "banco de dados" da memória, criar relações entre elas e tentar desvendar os códigos visuais e auditivos que ali recebeu. Desse conjunto o indivíduo constrói narrativas e presume seu significado. Em algumas situações os dados recebidos são insuficientes para aquela pessoa identificar uma lógica no vídeo e esta não o entende; em outras alguns detalhes podem induzir ao erro de compreensão para surpreender o público – o famoso "acha que é uma coisa e não é".

Assim, os audiovisuais podem se mostrar como jogos de adivinhação ou mesmo como trilhas, que conduzem passo a passo o expectador a um desfecho da trama. Se assemelham a livros, onde as palavras são cuidadosamente escolhidas a fim de trazer ao leitor as informações pertinentes, ao gosto do escritor. A apresentação de dados ou a supressão dos mesmos são importantes para atingir os objetivos do autor frente aos seus "consumidores". Um processo que vale tanto em um romance quanto em um suspense. As antigas histórias contadas ao pé da fogueira nas mais distintas civilizações já tinham o intuito de transmitir as tradições e aguçar a curiosidade, dando um toque lúdico ao conteúdo. Tem-se, assim, um olhar sobre "forma" e "conteúdo". O modo como se transmite uma informação altera-a frente à percepção do receptor. Na cena anteriormente descrita o "superclose", que evidencia a face, tem a função de destacar

o sentimento do personagem, assim como o plano geral apresenta o ambiente onde este está inserido; as cenas anteriores devem ter dado a "deixa" do que estava por vir; o silêncio, sem trilha sonora, pode evidenciar o risco do pó branco contido no envelope, assim como o contexto histórico da produção do audiovisual permitir presumir que se tratava de Antrax, arma biológica letal evidenciada no início dos anos 2000. Indícios que compõem a narrativa. Não são novidades esses dados, mas para muitos passam imperceptíveis quando do consumo de um audiovisual. A sequência de imagens; a forma como a câmera enquadra o contexto; que objetos aparecem; o ângulo e a proximidade como a cena é captada; os momentos de silêncio ou de sons difusos; cada dado não é ocasional – pelo menos isso não ocorre na maior parte das produções comerciais. O que carece por parte do público, em muitos momentos, é conhecer os códigos para interpretar a linguagem dos audiovisuais. Os nazistas souberam se aproveitar bem destes detalhes em suas produções, como no épico "O triunfo da vontade" ou em outras propagandas.

Diferente da alfabetização formal, em que as escolas seguem modelos de ensino e aprendizagem das "primeiras letras", instruindo o estudante a ler e escrever textos verbais, a decodificação do audiovisual, até o momento, ocorre via um processo informal, onde através da fruição e da convivência – com familiares e amigos – o indivíduo "aprende" a entender o que "as telas" transmitem. Um vídeo ensina a decodificar o outro, desde a tenra infância do espectador. Nos primeiros filmes, por exemplo, o público fugia do trem que vinha de encontro à tela ou vomitava ao ver closes – pensando ser cabeças decepadas – já que não compreendia os códigos básicos do cinema. Com o tempo isso mudou; "nós aprendemos a ler"!

Dessa forma, distintamente do que acontece com o meio de comunicação "livro", que é analisado e classificado intensamente durante os ensinamentos Fundamental e Médio, os filmes e programas de televisão – só para citar dois famosos exemplos – são vistos de modo mais simplório e não recebem a mesma atenção que as literaturas por parte do corpo docente. Seria por considerá-los subprodutos se comparados aos livros? Artes menores? Na maioria dos casos, os que



Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Colaboração
Sandra Martins, Jéssica Almeida, Richard
Günter, Leonardo Mega e
Marcela Figueiredo

Fotografia
Marcelo Avila, Tony Carvalho

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira
Marcel Schocair Costa

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 67.000 (Sessenta e sete mil)

Impressão e distribuição
Gráfica Ediouro – Correlios

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

dominam os mecanismos de instrução e compreensão dos audiovisuais são seus próprios produtores; o público segue encantado com a “caixa de luzes” e a “sacraliza” por não a entender.

Observando a contemporaneidade, onde as “telas” repletas de vídeos povoam o cotidiano dos espaços urbanos, visualiza-se a urgente necessidade da aptidão da sociedade ao diálogo equilibrado com as mídias audiovisuais, conhecendo-as e compreendendo seus processos. Além disso, com as facilidades tecnológicas permitidas ao cidadão, destacados aqui os equipamentos captadores de imagens – de câmeras fotográficas a aparelhos de telefonia móvel –, a possibilidade de uma pessoa passar de mero expectador a produtor de conteúdos audiovisuais se ampliou à quinta potência. Canais de transmissão de vídeos, webTVs e redes sociais na internet abriram espaços de visualização desses dados, o que possibilitou que os produtores amadores saíssem das sobras.

Frente a isso, ficam questionamentos: a quem compete a instrução à “leitura” e produção do audiovisual? Trata-se de um conhecimento voltado somente a graduandos? Seria o ambiente escolar o espaço adequado para promover essa “alfabetização” para as mídias? As escolas necessitam primeiramente de uma legislação sobre o tema para, a partir desta, iniciarem um trabalho com seus alunos? E o corpo docente das instituições de ensino básico, em geral, está apto a compreender esse universo dos meios de comunicação? Temas há muito discutidos e com poucas resoluções efetivadas.

A televisão de tanto tempo que acompanha os expectadores no seu cotidiano parece ser uma “amiga” sem mistérios, conhecida e despretensiosa; contudo, é através dessa ingenuidade que se fecha os olhos a sua potencialidade de induzir tendências e conduzir mercados. Além disso, privados do conhecimento dos mecanismos do “conceber” o audiovisual a população, ao produzir seus próprios materiais amadores, replica os modelos tradicionais da mídia sem perceber que podem implementar alternativas. Entram no círculo vicioso do “mais do mesmo”.

Aos colegas docentes fica um desafio: conhecer melhor a forma como o mercado audiovisual produz seus materiais, vendo “forma” e “conteúdo”, estando aptos a transmitir aos estudantes conceitos pertinentes a novas “leituras” e “escritas”. Não se trata de aderir à proposta de uma nova disciplina no colégio voltada à Análise Crítica das Mídias, mas sim perceber que o olhar analítico e aprofundado do professor mobiliza direta e indiretamente seus alunos, seja em qual campo do conhecimento for.

Não há obviedades no que passa nas telas; há sim aquilo que o público já naturalizou como normal e não questiona

mais, crendo ser “assim mesmo”. Qual o papel da escola neste contexto? Um indivíduo vê mais filmes em um ano do que lê livros. Este é um dado irrelevante? Que não se crie a conformidade com o “analfabetismo audiovisual funcional”, tornando-nos Trumans em nossos Shows.

* Professor do Centro Universitário Univates para os cursos de Comunicação Social e Fotografia; Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela mesma instituição; licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

***Denis Gerson Simões** Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Professor do Centro Universitário Univates para os cursos de Comunicação Social e Fotografia.



A história da matemática no processo de ensino-aprendizagem

*Diogo Israel Schwanck**

Ao passo que avançamos na carreira docente no contexto da Matemática, deparamo-nos com diversos questionamentos por parte dos alunos. Dentre as tantas interrogações recorrentes, podemos elencar duas como mais frequentes: “Para que serve isso?” e “Por que estudar este conteúdo?”. Muitos de nós, educadores matemáticos, fizemos essas perguntas no decorrer de nossa formação inicial e, alguns de nós, ainda que inconscientemente, buscamos explicações palpáveis para tais questionamentos. Mas, então, como responder tais dúvidas, justificando de forma plausível, consistente e interessante ao nosso aluno? As respostas podem aparecer ao reconhecermos o contexto histórico-cultural do período de construção de um conhecimento.

No ensino da Matemática, não podemos desvincular a ciência do seu desenvolvimento ao longo do tempo, assim como da humanidade, desenvolvidas paralelamente e em relação de dependência. Tanto a Matemática quanto o homem evoluíram intimamente ligados à cultura, e não sozinhos e isolados. Porém, não se torna pertinente utilizar-se da História da Matemática como elemento exclusivamente de motivação inicial ou, ainda, para exaltar nomes famosos ou datas, pois isso limita a sua utilização a pontos isolados e enaltece a ideia de que apenas em certas localidades podem ser gerados novos conhecimentos e, mais que isso, de que, conforme Lopes e Ferreira (2013), “o saber matemático está destinado a poucos escolhidos”.

Conforme Eves (2004), Santos (2009) e Lopes e Ferreira (2013), um conceito matemático pode ser mais facilmente compreendido através da conscientização das relações cultu-

rais, sociais, políticas, econômicas e científicas existentes nas localidades nas quais o mesmo emergiu. Ainda, a localização geográfica também pode nos indicar algumas motivações relacionadas a tal conceito, visto que, em um dado período histórico, diferentes conceitos matemáticos são desenvolvidos em cada parte do mundo, em certos casos, inclusive, de diferentes ramos da Matemática.

Utilizada como instrumento didático, a História da Matemática auxilia no desenvolvimento da criticidade ao permitir aos discentes um olhar sobre os objetos do conhecimento, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997). Dessa forma, desconstroem-se os mitos em relação à Matemática, expondo-a como ciência desenvolvida pelo homem ao longo da sua história e, assim, conforme Lopes e Ferreira (2013), “geram-se atitudes e valores mais favoráveis do aluno frente aos saberes matemáticos”.

Vejo como necessária a utilização da História da Matemática para além do sentido da curiosidade, como abordada pela maior parte dos livros didáticos existentes. De encontro a esta necessidade, o estudo da História da Matemática, por Ferreira (2001), [...] dá a este aluno a noção exata dessa ciência, como uma ciência em construção, com erros e acertos e sem verdades universais. O entrelaçamento dos contextos cultural, social, político, econômico e científico é capaz de cobrir a lacuna gerada pelo ensino algorítmico ainda prevalente na Educação Matemática. Santos (2009) afirma que isto se torna possível a partir da utilização, interpretação e discussão dos registros históricos da Matemática.

A História da Matemática possibilita a interdisciplinaridade, tendo em vista a contextualização por ela proposta, fazendo a disciplina se tornar integrada às demais e, conseqüentemente, mais agradável. Além disso, possibilita estabelecer a Matemática como uma construção sócio-histórico-cultural desenvolvida por métodos específicos de pensamento que contribuíram de forma particular para o desenvolvimento da sociedade.

No que diz respeito à visão epistemológica do ensino, Vailati e Pacheco (2011) nos instigam a refletir acerca da produção do conhecimento humano, ao expor que este é fruto de um processo derivado das interações do homem com o meio em que vive. Nesta perspectiva, são elencados três aspectos como basais: a necessidade de sobrevivência do homem, a busca da compreensão do mundo que o cerca e a procura de “ser” humano em sua ânsia de liberdade. Embasados desta premissa, podemos corroborá-la com a visão de Brito e Miorin (1999), visto que, ao passo que o professor possui conhecimentos históricos e filosóficos dos conceitos matemáticos, se torna capaz de diversificar as técnicas pedagógicas e tornar-se mais criativo no planejamento e execução de suas aulas e, com isso, oportunizando o despertar do interesse quanto ao estudo da Matemática aos seus alunos.

A reflexão sobre a importância da História da Matemática é essencial, dada a sua natureza e pela necessidade de ser vista como única ciência fruto exclusivamente da criação humana. Ademais, a necessidade da compreensão dos contextos social, político e econômico envolvidos para o surgimento de um conceito matemático denota a interdisciplinaridade possibilitada pelo uso da História nas aulas de Matemática. Nesta perspectiva, torna-se favorável o desenvolvimento de projetos temáticos de forma a abranger diferentes disciplinas e áreas de conhecimento. A busca pelo conhecimento histórico deve ser constante, para que se construa um elo entre a realidade e a formalização dos conceitos.

Dado o contexto educacional da atualidade, os educadores matemáticos buscam criar novas propostas e ideias a serem aplicadas em sala de aula. Além disso, são desafiados a identificar as mudanças necessárias na sua prática pedagógica, de modo a proporcionar as oportunidades mais adequadas à realidade onde estão inseridos.

O conhecimento dos aspectos relacionados à História da Matemática possibilita tanto o desenvolvimento do olhar crítico do aluno quanto o docente e, neste segundo, em dois aspectos essenciais: o desenvolvimento da ciência matemática relacionado a sua prática pedagógica e a desmistificação e humanização do processo de desenvolvimento do conhecimento matemático, com vistas à sensibilização do discente no que tange a sua compreensão e aprendizagem. Desta forma, o processo de ensino-aprendizagem matemática toma formas diferentes das tradicionais, observadas a partir do Movimento da Matemática Moderna, iniciado na década de 1960, estabelecendo o ensino da Matemática numa concepção estruturalista e abstrata com uma abordagem lógico-dedutiva.

Em uma rápida pesquisa a trabalhos apresentados em diferentes mídias, encontramos uma infinidade de possibilidades de contextualizações para o ensino de conceitos matemáticos fazendo uso de conhecimentos da História da Matemática. Dessa forma, é clara a capacidade do educador dessa disciplina de desenvolver estratégias inovadoras que promovam a aprendizagem significativa. Além disso, por mais que o contexto histórico não seja aplicado diretamente no ato docente, o mesmo contexto pode influenciar positivamente o planejamento e a execução da prática pedagógica. Entretanto, o desafio enfrentado pelos autores, aproximados de suas percepções quanto à ampliação de horizontes metodológicos, mostra-se recompensador e enriquecedor, no que se refere a sua prática.

***Diogo Israel Schwanck** é professor de Matemática, licenciado pela PUC-RS e especialista em Metodologia do Ensino de Matemática e Física, pela Uninter (SMED-PPMA).



Quando só a tecnologia salva

Andrea Gouvêa Vieira



No artigo da edição passada falei sobre o seminário realizado em novembro de 2015 pelo Instituto Lemann e Universidade de Columbia, em Nova Iorque, a respeito de novas práticas na administração pública no Brasil, com foco na Educação. No painel sobre o Futuro do Aprendizado destaquei a apresentação do professor Paulo Blikstein, da Universidade de Stanford, desmistificando a ideia de que, para ganhar escala e baratear os custos, os cursos *on-line* fariam a revolução da Educação.

Assim como o professor Blikstein, outros participantes do painel, como Eric Berttenger, também de Stanford, e Fernanda Rosa, pesquisadora em Columbia, mostraram pesquisas indicando a impossibilidade do aprendizado sem a presença do professor na sala de aula. Entre outras conclusões, o professor Berttenger mostrou que os resultados do aprendizado *on-line* são piores do que os alcançados no ensino presencial e que essa opção de uso da tecnologia em substituição ao professor, para atingir os alunos mais pobres, na verdade pode agravar a desigualdade. Berttenger terminou com uma pergunta provocativa: "Quem sabe substituímos os estudantes por robôs?"

Já Fernanda Rosa mostrou o desperdício dos investimentos feitos com

recursos federais em tecnologia da Educação. Num trabalho de visita a escolas que receberam laboratórios de computadores para uso dos alunos, ela mostrou a subutilização e a impossibilidade de manutenção destes equipamentos.

Mas vou relatar a contribuição dada ao seminário pelo secretário de Educação do Estado do Amazonas, Rossieli Soares, que, ao falar por último, deixou surpresos e boquiabertos os participantes do seminário. Não que ele tenha exposto uma tese contrariando os achados anteriores, mas porque mostrou que, em determinadas circunstâncias, a tecnologia pode ser a única tábua de salvação.

Com uma apresentação simples e nada "tecnológica", mas com fotos, números e uma fala bem-humorada, o secretário contou como está levando os ensinos Fundamental e Médio a milhares de crianças – precisamente 50 mil dos 450 mil alunos do Amazonas, através de cursos *on-line*. Em municípios como o da região da Cabeça do Cachorro, onde a merenda escolar leva 100 dias de barco para chegar ("Hoje está saindo de Manaus o barco levando a comida para o mês de março de 2016", afirmou), agora tem aula de Matemática, Física e Biologia.

Obviamente nessas cidades que ficam a cinco, sete horas de avião, não há professores especialistas. Então, a única saída é usar a tecnologia para levar a informação.

"Evidentemente, onde não há professores, não há substituição. E onde 52% dos docentes existentes não passam na prova destinada aos alunos, o jeito é usar as ferramentas que a tecnologia disponibiliza", ressaltou o secretário. Assim, o governo do Amazonas montou um grande centro de ensino tecnológico em Manaus, de onde são transmitidas as aulas de disciplinas específicas, com a presença de um especialista. Nos municípios, naquele mesmo momento, estão os alunos nos centros de ensino locais, acompanhados por um professor da cidade, que acompanha a aula, ajuda os alunos no entendimento da matéria e na formulação das perguntas.

Realmente impressionou o relato do secretário Rossieli. E, quando voltar para o Brasil, vou lá, na Cabeça do Cachorro, para ver essa maravilha funcionando.

Andrea Gouvêa Vieira

Jornalista, ex-vereadora do Rio de Janeiro



As férias acabaram, e agora?

Especialista orienta pais e professores acerca do que pode ser feito para ajudar o aluno a se adaptar às volta às aulas

Relax total também pode trazer problemas no retorno escolar. Por isso, durante as férias, a família deve reservar uma hora do dia para leituras, atividades de concentração, jogos de tabuleiros e atividades em grupo.

Durante o período de férias a criança tem uma grande liberdade para escolher as suas atividades. Ao voltar o ano letivo, muitas estranham a “obrigação” de realizar exercícios preestabelecidos. Mas como os educadores e os pais podem preparar o aluno para retomar a rotina?

De acordo com especialistas, este período é necessário para todos, pois o corpo pede descanso e novas possibilidades de interação. No caso da criança, as férias devem servir para quebrar a rotina, funcionando como estímulo para novas brincadeiras e descobertas, sedimentação dos conteúdos estudados no período anterior, estreitamento de laços familiares, enfim, um período dedicado a experiências novas e enriquecedoras.

Em uma entrevista exclusiva, a pedagoga e professora da Universidade Estácio de Sá Denise Tinoco nos revela que proporcionar momentos de descanso, lazer e novas aprendizagens, durante as férias dos filhos, torna-se mais uma função da família. Ocorre que muitos pais se esquecem destas necessidades ou, por não terem período de férias em conjunto com os filhos, deixam os dias de descanso sem monitoramento. Assim, eles passam muitas horas diante da TV, jogando *videogames* ou nas redes sociais. Porém,

isolados, crianças e adolescentes contemporâneos correm o risco de saírem das férias mais estressados do que quando estavam no período letivo.

Relax total também pode trazer problemas no retorno escolar. Por isso, durante as férias, a família deve reservar uma hora do dia para leituras, atividades de concentração, jogos de tabuleiro e atividades em grupo. Já nos dias mais próximos da chegada do início ou reinício do ano letivo, torna-se essencial organizar a rotina para que o corpo se acostume com os novos horários e necessidades. Entretanto, estabelecer o momento de dormir, das refeições e a organização do espaço de estudo são atividades fundamentais para que tudo ocorra de maneira menos conflituosa. Existem escolas que propõem atividades de reforço *on-line* e também grupos de estudos semanais, como rodas de leitura, exibição de filmes com debates, ciclo de palestras, que podem ajudar na reestruturação da rotina que antecede o retorno ao ano letivo.

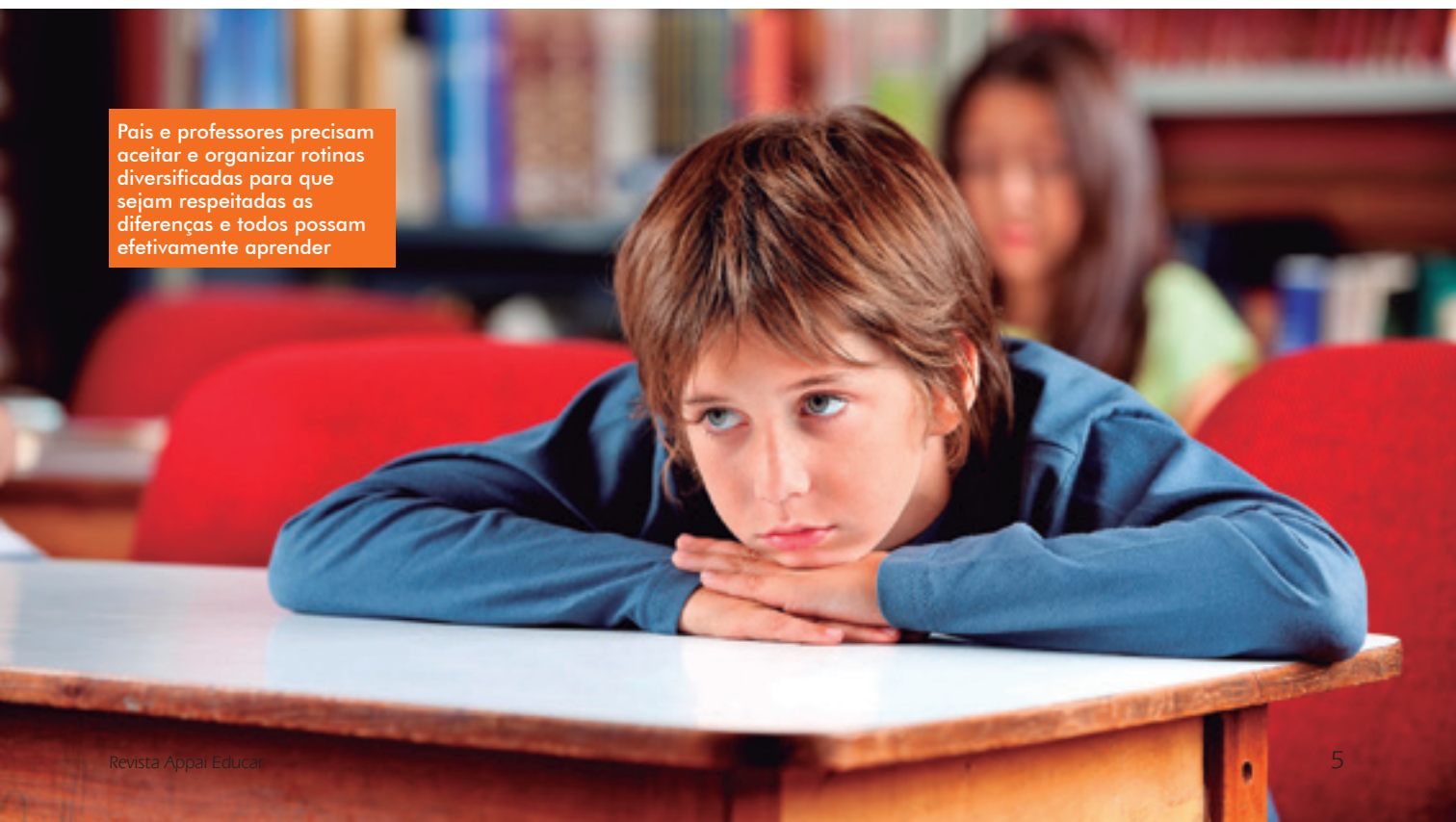
Ritmos diferentes estão presentes até entre irmãos. Ninguém é igual a ninguém. Por isso, pais e professores precisam aceitar e organizar rotinas diversificadas para que sejam respeitadas as diferenças e todos possam efetivamente aprender. Mas, na escola, no ensino formal, no fazer docente cotidiano, isso fica mais evidenciado, pois nem sempre aquilo que é ensinado é apreendido por todos da mesma forma. Trabalhar focado nas teorias da aprendizagem pode ajudar a entender melhor essas necessidades e alavancar soluções viáveis para as questões.

A Teoria de Vygotsky fala sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal e o papel do mediador, o “par mais for-

te” neste contexto. Desta forma, para que o aluno possa transpor tais obstáculos, por vezes invisíveis, mas reais, o professor deverá ficar atento às potencialidades e necessidades discentes, buscando atividades variadas que possam, ao longo do ano letivo, favorecer a superação dos desafios. Assim, oferecer momentos para tarefas diversificadas é importante e deve ser considerado uma estratégia eficaz. “Trabalhos em grupos ou em duplas ajudam a quebrar a rotina e fortalecem a necessidade de interação entre os pares. Variar a arrumação das carteiras escolares é uma atitude simples, que também traz benefícios. Atividades em laboratórios são fundamentais para criar um clima de ensino e pesquisa, que privilegiam os diferentes ritmos. Visitas técnicas, palestras com profissionais de variadas áreas, exibição de filmes, gincanas, exposições de trabalhos, criação de feiras de ciências, festivais de poesia e música podem amenizar a rotina, possibilitando diferentes formas de aprendizagem”, ratifica Tinoco.

Embora a família seja uma instituição social milenar, percebê-la como integrante do processo de aprendizagem escolar de crianças e jovens é um fenômeno novo, que demanda aceitação, diálogo e muito estudo. Por um lado, as escolas fantasiam com tipos de famílias que não existem, pelo menos não no contexto social contemporâneo. Isso faz com que deixem de fora a maioria das pessoas que podem contribuir com o processo de aprendizagem dos alunos, durante o período escolar. Por outro lado, os pais, por vezes sobrecarregados com a rotina dura pela sobrevivência, se acomodam e se omitem na tarefa de educar ao lado da escola. Eles podem ajudar

Pais e professores precisam aceitar e organizar rotinas diversificadas para que sejam respeitadas as diferenças e todos possam efetivamente aprender





Para que os filhos consigam se adaptar melhor à volta às aulas é recomendado que a família proporcione momentos de descanso, lazer e novas aprendizagens, durante as férias

no processo de ensino-aprendizagem escolar percebendo-se como coparticipantes desta jornada. “Desta forma, é muito importante observar alguns procedimentos, como: acompanhar atividades escolares dos filhos; participar efetivamente das reuniões da escola; verificar agendas e solicitações; criar rotinas de estudo; fortalecer o respeito pelos mestres e fixar o espaço escolar dentro de casa; conversar com professores sistematicamente; discutir com eles sobre os resultados escolares, estabelecendo metas bimestrais. Todas essas tarefas podem melhorar e fortalecer o papel dos pais junto à escola, na construção de uma aprendizagem honesta e coletiva. Buscar engajamento nos projetos sociais da escola, organizar grupos de estudo com colegas de turma, trabalhar a disciplina com quadros de horários são possibilidades de interação, que certamente renderão bons frutos”, corrobora a educadora.

Muitos teóricos da educação são categóricos em afirmar que a socialização é um processo mediante o qual uma pessoa adquire o conhecimento e a prontidão social, necessários para assumir o papel de sujeito, na organização a qual pertence. Sendo assim, é preciso que a escola, como instituição, e o professor, como agente social deste espaço, percebam-se como facilitadores do processo de socialização dos alunos. Desta forma, promover atividades dessa natureza, torna-se essencial para diferentes aprendizagens. Vejamos alguns exemplos: organizar gincanas entre turmas; realizar visitas a museus, planetários, empresas, ONGs; organizar ciclos de palestra na escola; criar intervalos culturais com os alunos; elaborar festivais de poesias, eventos de tecnologia, mostras de cinema, criação de campanhas solidárias, enfim, são atividades que estão entre aquelas que podem favorecer a socialização, pois buscam estabelecer *links*, ampliando a visão social dos conteúdos estudados, mostrando como podem refletir no cotidiano dos alunos e oportunizando uma visão mais aberta de mundo entre eles.

Questionada sobre os resultados que o corpo discente recebe quando tem dos professores um bom planejamento de socialização, Denise Tinoco dispara: “Educação de forma plena e eficaz é o que desejamos para nossos discentes e o que buscamos em nossa profissão. Perceber que os alunos entenderam nossa proposta, verificar que estão engajados em projetos sociais, que se preocupam com o ambiente em que vivem e desejam mudanças sociais para todos é tão especial como receber um prêmio por nossa atuação, durante o processo de ensino-aprendizagem daquele grupo. Para tal, é importante que a Escola elabore seu Projeto Político-pedagógico de forma conjunta e honesta, traçando uma proposta que seja capaz de inserir o novo no seu contexto carregado de conteúdos e dilemas. Ao professor caberá a elaboração de planos de ensino viáveis, conectados com a sociedade, dinâmicos, capazes de suscitar a participação de todos. Voltar aos bancos escolares, buscar especializações, conhecer lugares, ler mais, buscar ajuda do seu ‘par mais forte’, também será necessário. Num contexto cada vez mais individualizado e competitivo, fazer nosso aluno se perceber como parte deste mundo é tarefa das mais complexas, que exigirá apoio institucional e familiar, nos moldes já mencionados nesta matéria. Se desejarmos fazer parte do novo, teremos que planejar este momento, trabalhar por ele e mudar nossa maneira de ver e estar no mundo, modificando nossas ações no cotidiano da escola. Afinal, como disse nossa eterna Elis Regina, ‘o novo sempre vem!’. Eu então completo: ‘Tomara que possamos fazer parte dele!’”, finaliza.

* Denise Tinoco é docente de Educação Infantil, Professora da Universidade Estácio de Sá e Pedagoga, Especialista em Educação Infantil e Psicopedagogia.

Colaboração: Richard Günter



Ilha Fiscal

Complexo Cultural da Marinha



Conhecida por abrigar o “Último baile do império”, realizado alguns dias antes da Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, a Ilha Fiscal era chamada de “Ilha dos ratos” até 1882, quando foi criado um posto de fiscalização alfandegária para o controle das mercadorias a serem importadas e exportadas pelo porto do Rio, na época do Império. Localizada na baía de Guanabara, a ilha é pouco vista, sendo prestigiada constantemente apenas por quem utiliza as barcas ou aterrissa no aeroporto Santos Dumont. O castelo reproduz a arquitetura medieval da região de Provence, na França, e traz uma vista ímpar para quem chega com a escuna.

A Ilha Fiscal integra o Complexo Cultural da Marinha, formado por um circuito de museus e de exposições do qual fazem parte também o Museu Naval e o Espaço Cultural da Marinha (ECM). O projeto museográfico para a Ilha Fiscal foi idealizado em 1997 sendo privilegiadas as ambientações dos espaços referentes ao século XIX e um circuito expositivo com diversas ações da Marinha, como as exposições permanentes “História da Ilha Fiscal”, “A Contribuição Social da Marinha” e “A Contribuição Científica da Marinha”.

O ponto turístico aberto à visitação tem como destaques o Torreão, com o relógio alemão de quatro faces e o piso em mosaico feito com 14 tipos de madeiras nobres brasileiras; e a Ala do Cerimonial, composta por uma sala de estar e uma sala de jantar. A decoração é uma mistura de elementos do final do século XIX e dos anos 1930, mas ambas no estilo gótico. As cortinas fazem referência à decoração da época do Império e a cor verde, à Casa de Bragança. Já o mobiliário, proveniente de São João Del-Rei (MG), é da década de 1930. A louça apresentada na mesa de jantar é de fabricação recente, e os talheres pertenceram ao Encouraçado São Paulo, navio que participou das duas guerras mundiais.

Além das atrações para todas as idades, o público infantil pode assistir a uma programação voltada para ele, como a peça “De volta para o passado”, que aborda de forma divertida contextos históricos, como o Descobrimento do Brasil e a Monarquia. Também há guias que promovem passeios especiais para os pequenos, com oficinas de arte em que a criança cria desenhos e *origamis*.

A visitação é realizada por meio da Escuna Nogueira da Gama, mas, em caso de mau tempo ou avaria na embarcação, poderá ser por meio de micro-ônibus. Nesse caso, o embarque ocorrerá em frente ao Museu Naval, sendo iniciado quinze minutos antes de cada passeio. Já com a Escuna, os visitantes serão conduzidos por militares e monitores de turismo, do Museu Naval ao Espaço Cultural da Marinha, local de embarque, em uma caminhada de aproximadamente oito minutos, atravessando a Praça XV, uma importante área cultural da cidade do Rio de Janeiro.

Colaboração: Richard Günter

Complexo Cultural da Marinha – Ilha Fiscal
Rua Dom Manuel, 15 – Centro – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20010-090
Tels.: (21) 2532-5992 / 2233-9165
E-mail: faleconosco@dphdm.mar.mil.br
Visita guiada: de segunda a sexta-feira, exceto feriados
Horário: 8h30 às 11h45 e das 13h15 às 16h
*Ingressos à venda somente na bilheteria do Museu Naval.



Por que jogar fora se podemos reaproveitar?

Jéssica Almeida

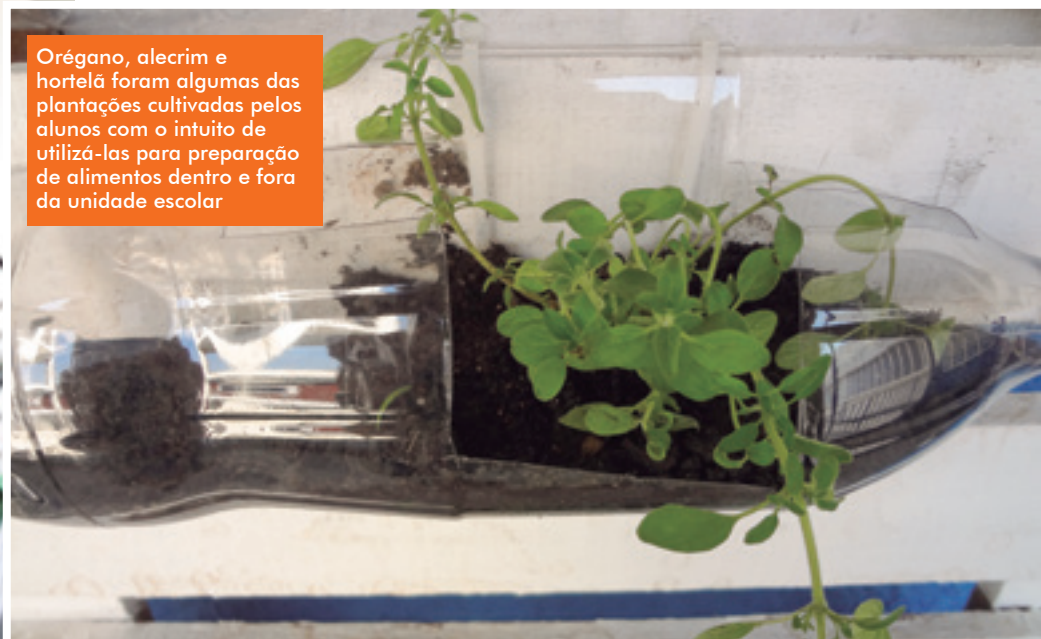


O projeto foi desenvolvido em benefício da atual turma de formação de professores, visando a que os estudantes deixassem um legado às futuras turmas: a continuidade da reciclagem

Professora cria projeto sustentável e deixa a escola ainda mais bonita

Com esse pensamento sobre as questões ambientais, Graziela Teso Froes Jardim, professora de Educação Física do Instituto de Educação Carmela Dutra, localizado em Madureira, criou o projeto *Transformar*. O intuito era reaproveitar materiais que iriam para o lixo – consequentemente diminuindo a quantidade de material produzido – e tornar a escola um ambiente ainda mais colorido e agradável. “Pensamos em algo que pudesse ser feito em benefício dessa turma de formação de professores e o que os estudantes poderiam deixar para as próximas gerações”, explica a educadora.

O projeto, desenvolvido ao longo do 2º bimestre com a turma 3.005, foi dividido em três subprojetos: reaproveitamento paletes, pneus e garrafas pet, essas últimas para produzir uma horta suspensa do lado de fora da sala – uma espécie de varanda. Estefanny Antunes, uma das integrantes do grupo, afirma que com o projeto aprendeu que precisamos ter mais consciência e consequentemente ajudar o meio ambiente. “Porque ele é muito importante para nós e está correndo o risco de desmatamento, poluição da água, etc. Por isso, precisamos preservar para ter um futuro melhor. Fizemos esses objetos para deixar a escola mais



Orégano, alecrim e hortelã foram algumas das plantações cultivadas pelos alunos com o intuito de utilizá-las para preparação de alimentos dentro e fora da unidade escolar

informal, ter mais um espaço para lazer, estimular a gente a estudar e aprender”, garante a aluna. A professora ressalta que a horta suspensa não é só de ornamentação, pois também produz hortelã, alecrim e orégano. Temperos que podem ser usados para preparação de alimentos dentro e fora da escola.

Já as paletes foram utilizadas para produção de um sofá, colocado dentro da sala de aula, onde os alunos poderiam sentar durante os intervalos e fazer a leitura de livros ou interagir com os colegas de turma. O estudante Vinícius Andrade conta que com o projeto ele se tornou mais criativo. “Eu não tinha ideia de que com esses materiais – paletes e tecido – poderíamos produzir um sofá. Isso me mostrou que com coisas que desperdiçamos podemos montar objetos incríveis. Adorei que o trabalho foi feito em grupo, pois todos participaram e um ajudou o outro. Isso foi o mais importante. A partir de agora, pretendo aproveitar alguns materiais recicláveis e produzir objetos em casa”, revela Vinícius.

Com os pneus a turma teve a ideia de fazer bancos, para fazerem parte da decoração na varanda. A aluna Lorena Regina explica que foram utilizados pneus velhos e restos de tecidos, recebidos de doações. “O mais legal foi o trabalho em equipe. Pudemos perceber que uns tinham mais habilidades para algumas coisas enquanto outros mostravam destreza para outras. Tudo em grupo é mais legal. Além disso, tudo que aprendi aqui pretendo levar para a minha vida pessoal e profissional, ainda mais que eu quero seguir a carreira de professora”, relata Lorena.

De acordo com a professora de Educação Física, o trabalho como um todo foi pensado para melhorar a qualidade de vida da turma. “A ideia do projeto era custo zero, tentar reaproveitar tudo ao máximo. Também tivemos a preocupação de gerar menos lixo, pensar antes de jogar

fora. Além disso, isso é importante para eles, que estão se preparando para dar aula. Desenvolver projetos é uma coisa muito comum para professores. Isso é fundamental para a vida profissional deles e para pensar no amanhã de uma forma mais consciente”, salienta Graziela.

Para a diretora-geral Vanessa Costa da Cruz, promover atividades lúdicas nas escolas é extremamente importante. “Principalmente na nossa instituição, que é de formação de professores. O foco principal de projetos como esse é que eles levem isso para a vida profissional. Que possa ser aplicado o conteúdo aprendido aqui com os futuros alunos deles”, almeja a diretora.

Devido aos resultados positivos do projeto, Graziela revela que pretende dar continuidade nos próximos anos. “Quero seguir sempre essa linha: desenvolver o trabalho com os alunos do terceiro ano para que eles tenham a consciência da saída e deixar alguma coisa que foi feita por eles para a geração futura. O mais bacana é o envolvimento, a preparação para a vida profissional e o entendimento de que cada vez mais temos que estar preocupados com a diminuição da geração de lixo. Acredito que eu plantei uma sementinha e já posso ver os frutos disso: muitos já relataram que estão muito motivados a fazer também dentro de casa. Eles são multiplicadores de conhecimento. Foi melhor do que eu esperava. Estou muito feliz com o resultado!”, finaliza a professora.

Instituto de Educação Carmela Dutra
Av. Ministro Edgard Romero, 491 – Madureira – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21360-201
Tel.: (21) 3351-9255
E-mail: c.e.carmeladutra@gmail.com
Professora responsável: Graziela Teso
Froes Jardim
Fotos: Comunicação



Agora sim, tô en- ten- den- do

Projeto visa
esclarecer melhor
os alunos acerca
de temas do
universo jovem



Jéssica Almeida

Há algum tempo os professores, pedagogos e funcionários da escola vinham percebendo que alguns assuntos eram, de forma recorrente, trazidos à tona pelos alunos, demonstrando ser de interesse deles e, ao mesmo tempo, fonte de preocupação. A fim de auxiliá-los a buscar respostas e mais informações sobre temas do seu universo, a Escola Municipal Coronel João Pedro de Almeida, localizada em Angra dos Reis, desenvolveu um trabalho com palestras, vídeos, debates, oficinas, rodas de conversa, entre outras atividades que atendessem e envolvessem esses temas, proporcionando uma aprendizagem mais dinâmica e prazerosa.

A *Semana da Juventude*, como é chamada, foi idealizada pela orientadora educacional Claudia Alice Dourado e pela supervisora escolar Jane Rose Souza, em conjunto

A fim de auxiliar os estudantes a buscar respostas sobre temas do seu universo, docentes promoveram rodas de conversa, palestras, vídeos e oficinas



Foram abordados temas como a diversidade, meio ambiente, violência e orientação vocacional

com o corpo docente da escola. A primeira edição do projeto aconteceu em 2012 e abordou questões sobre sexualidade – focando o funcionamento do corpo, as relações de afetividade e as doenças sexualmente transmissíveis – e drogas – lícitas e ilícitas, conceitos, causas e consequências. “A ideia surgiu em função de duas questões existentes em nossa unidade escolar: um número grande de alunas que engravidaram e casos de estudantes envolvidos com drogas. Foi a partir dessa realidade, que tivemos a ideia de trazer para a escola essas temáticas, para que se pudesse produzir esclarecimentos sobre tais assuntos. No ano seguinte ampliamos as questões abordadas com os seguintes temas: violência, meio ambiente, orientação vocacional e diversidade”, explica Claudia.

O intuito do projeto é elaborar, de forma crítica e consciente, o conceito sobre os temas trabalhados, além de reconhecer os diferentes tipos de drogas e seus efeitos sobre o corpo e a mente humanas, identificando as variadas formas de violência, bem como desenvolvendo práticas mais tolerantes e respeitadas em relação às diferenças. “Aproveitamos o projeto para ampliar a visão de mundo e as perspectivas de futuro profissional para nossos alunos. Buscamos também reorganizar a prática pedagógica estabelecida na escola, visando torná-la mais dinâmica e significativa, elevando substancialmente a qualidade de ensino na instituição”, garantem as organizadoras do projeto.

A orientadora educacional explica que as atividades foram desenvolvidas pelos docentes em sala de aula e, posteriormente, houve a participação de convidados de diferentes áreas. Entre elas o Senai, o Cefet, a Cultuar (Fundação de Cultura de Angra dos Reis), o CEA (Centro de Estudos Ambientais), a Polícia Militar, o Capsi (Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil), a Sect (Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia de Angra dos Reis) e a Defesa Civil. Desta forma foi possibilitada uma dinâmica diferenciada para a abordagem dos temas, permitindo uma maior interação entre os alunos, e destes com os outros segmentos da escola.



Participaram do projeto as dezesseis turmas do Ensino Regular Diurno e todas as disciplinas foram envolvidas. A orientadora educacional Claudia Dourado ressalta que é de extrema importância desenvolver atividades desse tipo. “Dessa forma os alunos conseguem se envolver muito mais, e a aprendizagem, assim, torna-se bem mais significativa”, finaliza.

Escola Municipal Coronel João Pedro de Almeida
Avenida João Pedro II, 49 – Camorim Grande – Angra dos Reis/RJ
CEP: 23912-440
Tel.: (24) 3367-1760
E-mail: emceljpa@yahoo.com.br
Fotos cedidas pela escola



Díálogo no túnel do tempo

Sandra Martins

Brincar é mais sério do que muitos imaginam. As atividades lúdicas têm o poder de sensibilizar o discente para o saber. Não importa a idade, brincar de adivinha com conteúdo das disciplinas é sempre mais gostoso do que a velha decoreba. Num esqueleto teatral, conceitos sociológicos, históricos, de literatura e língua portuguesa (para construção de roteiros) e até matemáticos (para dimensionamento tempo/espço) são trabalhados. Pensando nessas perspectivas, professores do Ensino Médio noturno da Educação de Jovens e Adultos (Neja) do Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira, no bairro do Colubandê, em São Gonçalo, desenvolveram o projeto De volta ao túnel do tempo: a importância do brincar.

Interdisciplinar, a atividade contou com as matérias de Língua Portuguesa, Matemática, História, Filosofia, Física e Química. E envolveu todas as turmas do Ensino Médio do curso noturno, no total de cinco, sob a batuta de oito

professores-orientadores, da coordenadora pedagógica Márcia Barreto e da diretora-geral Glaucia Maciel Santos.

A caminhada para dentro do túnel do tempo envolveu a elaboração de propostas lúdicas que mesclassem os conteúdos programáticos das disciplinas. A ideia era a compreensão dos conhecimentos que foram analisados, interpretados e reescritos dentro de determinadas plataformas definidas pelos próprios alunos, fossem jogos, danças, brincadeiras e/ou por meio do uso de tecnologias. Buscou-se valorizar e desenvolver habilidades de leitura, audição, fala, interpretação, escrita, crítica e apresentação de soluções, tomando como base situações e motivos que envolvessem diferentes épocas, lugares e seres.

Nos esquetes teatrais, ficou evidenciada a preocupação de se utilizar clássicos literários para discutir determinados temas presentes na atualidade, como mentira, preconceito, discriminação racial e social. Na peça "Dois coelhos e a co-

Através de brinquedos antigos, como a vareta, foi possível ensinar aos alunos disciplinas como matemática e física. A interação foi total





bra”, os alunos se basearam nas fábulas de Esopo para refletir sobre a mentira. Carolaine Souza, 18 anos, da 3ª série do Ensino Médio, conta que da discussão do roteiro, ensaios e montagem do cenário até o teatro de dedoches foram cerca de cinco dias de intensas trocas “que levaremos para o resto da vida”.

Gláucia Maciel, na direção do colégio a cerca de três anos, informou que este curso apresenta um perfil diferenciado do tradicional, pois os professores buscam constante capacitação em cursos na Universidade Federal Fluminense em Educação de Jovens e Adultos. E isso, segundo ela, faz muita diferença. Os alunos do Neja, tradicionalmente, são menos questionadores. “Aqui não, nossos jovens são incentivados a se perceberem como sujeitos da ação”, afirma. Entre os vários e interessantes trabalhos, o professor de Biologia e Física Francisco Coelho apresentou a sala dos jogos construídos a partir dos conteúdos das matérias. No jogo “Dama do Sexo”, Suelen da Silva, da M2, e seu grupo, discutiram sexualidade, sexo, saúde. Numa das perguntas havia o seguinte

Mentira, preconceito, discriminação foram alguns dos temas abordados nas esquetes teatrais, baseadas nas obras do escritor da Grécia Antiga, Esopo, o pai das fábulas como gênero literário





O projeto viabilizou a importância da brincadeira, bem como a forma como a equipe docente desenvolve sua prática pedagógica cotidiana



conteúdo: o que é cancro mole? Veio a resposta: úlcera mole venérea ou cancroide é uma doença sexualmente transmissível, causada pela bactéria *Hemophilus ducreyi*. O cancro mole é uma doença infecciosa.

Rafael Ribeiro, da M2, discorreu sobre o jogo "A batalha de Newton", cujo objetivo é fazer você se divertir e aprender ao mesmo tempo. Na disputa, o participante tem 52 cartas com perguntas e respostas do conteúdo de Física do segundo ano do Currículo Mínimo do Ensino Médio. Já com o "Na trilha do DNA", Lucas Sousa Brito, Gabriel Santos e Daniela Cavalcante Lopes afirmaram que vence o jogo quem conseguir ao longo da trilha formar 44 cromossomos. O jogador terá que constituir o conjunto deles constantes em uma célula, o chamado cariótipo, que também dá nome a um exame que visa analisar a quantidade e a estrutura dos cromossomos presentes em nossas células, que são normalmente formadas por 23 pares, portanto 46 ao todo. Se o jogador escolher feminino, deverá possuir os 44 cromossomos, além dos cromossomos sexuais X e X. Se for masculino, 44 além do X e Y. Ao total deverá possuir cromossomos, contando X e Y, até o final do jogo.

A professora de Português Maria do Amparo, ao indicar a exposição de cartazes, mencionava as especificidades de cada trama. Por exemplo, os heróis infantis, retratados iconograficamente e tendo seus termos e contextos analisados: poderes (mimetismo elétrico, eletrocinese, supervelocidade etc.). A docente, entre os vários recursos, propôs o trabalho com crônicas, trava-línguas e textos informativos. Houve um investimento também no debate sobre a memória da infância, com os grupos realizando entrevistas em que formularam o roteiro de questões, levaram fotografias e produziram pequenas redações. Um verdadeiro passeio pela memória não só das pessoas, de cada um dos envolvidos, como também, porque não, da própria cidade.

Superação é a palavra de ordem deste projeto, segundo Márcia Barreto. Conteúdos apreendidos, animação garantida, criatividade posta à prova e até interesse de alunos de outros turnos de conhecerem o projeto De volta ao túnel do tempo: a importância do brincar ou, em outras palavras, a forma como a equipe docente desenvolve sua prática pedagógica cotidiana.

Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira
Ensino Médio Noturno de Educação de
Jovens e Adultos - Neja
Av. José Mendonça de Campos, s/nº
Colubandê - São Gonçalo/RJ
CEP: 24450-260
Tel.: (21) 2614-0025
E-mail: pedfono@bol.com.br
Coordenadora Pedagógica: Márcia Barreto
Fotos: Marcelo Ávila



Manual de jogos e brincadeiras – atividades recreativas para dentro e fora da escola

Cleber Junior

Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

Este manual foi elaborado com o intuito de despertar, propagar e incitar o interesse por jogos e brincadeiras, referente aos seus conceitos, classificações e participantes, além de contribuir para a formação teórica e prática de profissionais e acadêmicos, por meio dos conteúdos e sugestões de atividades propostas.

Oficinas de jogos e construção do conhecimento

Antonio C. Ortega, Cláudia Patrocínio P. Canal, Maria Celia R. M. Campos (organizadores) / Autores diversos

Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

O livro visa oferecer uma contribuição social para a formação dos profissionais que lidam com o desenvolvimento humano nas suas diferentes etapas e em variados contextos. Apresenta uma proposta construtivista para a realização de oficinas de jogos fundamentadas na teoria de Piaget.



Inclusão não rima com solidão

José Pacheco

Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

Nesse livro, o autor defende que nunca será demais falar em inclusão. Nunca será demais lembrar que os projetos humanos carecem de um novo sistema ético e de uma matriz axiológica clara, baseada no saber cuidar e conviver com a diversidade. Uma escola que a todos acolha e a cada qual dê oportunidades de ser e de aprender.

Bullying – mentes perigosas nas escolas

Ana Beatriz Barbosa Silva

Editora Principium – Tel.: (11) 3767-7514

A questão do *bullying* recebe cada vez mais espaço na sociedade brasileira, e a autora é uma das pioneiras em abordar o tema com pais e educadores de forma simples e objetiva. A obra ajudará os adultos a compreender melhor as diversas facetas da intimidação, suas consequências e o momento de procurar ajuda profissional.



Pedro tropeçou numa pedra

Nivânia Carvalho

Litteris Editora – Tel.: (21) 2223-0030

A pedra em que Pedro tropeçou era muito diferente! Ela é capaz de provocar transformações drásticas de hábitos, atitudes, mudança da aparência física, causando insônia e alucinações. Comprometendo gravemente o estado físico e mental do ser humano. Venha conhecer essa história emocionante e aprender a valorizar o que temos de mais importante em nossa vida: a liberdade.

A história do príncipe que nasceu azul

Marcelo Aquino

Giostrì Editora – Tel.: (11) 2537-2764

Num reino onde todos são muito alvos, de repente nasce um príncipe azul. A perplexidade toma conta do rei e da rainha, que se ocupam em desvendar esse mistério. “Como vou explicar para o meu filho que ele não é igual às outras crianças?”, exclama o soberano. A obra é uma doce fábula sobre as diferenças e a realidade que envolve os conflitos de quem vive num mundo que não parece seu.





Síndrome de Burnout:

um mal que atinge principalmente professores

Jéssica Almeida

Dificuldade para dormir, falta de ar frequente e problemas digestivos podem ser sintomas da Síndrome de Burnout. A doença é caracterizada por um esgotamento mental e físico ligado principalmente a uma vida profissional intensa, que não deixa espaços para que a pessoa cuide de si. A carreira de professor está entre as mais afetadas, principalmente pela grande responsabilidade que os docentes carregam. A Revista Appai Educar conversou com duas especialistas no assunto para ajudar a entender melhor o que é e como podemos evitar a síndrome. Confira:

Origem do termo

O termo "Burnout" tem origem na língua inglesa, a partir da união de dois termos: *burn* e *out*, que respectivamente significam "queimar" e "fora". A união dos termos é melhor traduzida por algo como "ser consumido pelo fogo". A partir da década de 1980, autores como Maslach passaram a usar esse termo para designar a síndrome decorrente da exaustão emocional humana, ou seja, uma condição em que o sujeito tem suas energias consumidas.



Síndrome de Burnout

A psicóloga e doutora em Ciências na área do estresse Lucia Novaes explica que a síndrome se refere a um quadro decorrente de um desgaste crônico na área ocupacional, mas que afeta as diversas áreas da vida da pessoa. Inclui comportamentos negativos direcionados aos clientes, à organização e ao trabalho e envolve sentimentos de insatisfação, decepção, falta de realização, distanciamento emocional, impotência e apatia. Tais sentimentos e atitudes trazem dificuldades para o dia a dia do trabalhador assim como para a organização. Gisele Levy, psicóloga e doutora em Políticas Públicas, completa afirmando que o sujeito acometido por ela é consumido pela exaustão física e emocional. “Por mais incrível que pareça, esta síndrome opera como um mecanismo de defesa do organismo, pois quando todos os recursos, tanto fisiológicos quanto cognitivos, não são mais eficazes para enfrentar o estresse crônico, o Burnout entra em ação, impondo, de forma lenta e gradual, um padrão de comportamento, caracterizado por atitudes frias e cada vez mais indiferentes por parte do sujeito frente a sua rotina de trabalho, mais

tarde se estendendo a todos os aspectos relacionados a sua vida”, explica Gisele.

Principais sintomas

Gisele Levy relata que a síndrome pode ser evidenciada a partir de um conjunto de sinais físicos, de conduta e psicológicos. Os sintomas físicos são similares aos do estresse ocupacional, caracterizando-se por fadiga, sensação de exaustão (cansaço crônico), indiferença ou frieza, impressão de baixo rendimento profissional, frequentes dores de cabeça, distúrbios gastrintestinais, alterações do sono (insônia) e dificuldades respiratórias. Os sintomas de conduta se revelam sob a forma de graves alterações no comportamento que, usualmente, afetam os colegas, alunos, clientes e inclusive os próprios familiares. Já os sintomas psicológicos ficam evidentes através de mudanças de comportamento, tais como: trabalhar de forma mais intensa, sensação de impotência diante de situações da rotina, irritabilidade, falta de atenção, aumento do absenteísmo, sentimento de responsabilidade exagerado, atitude negativa, rigidez, baixo nível de entusiasmo, consumo de álcool e drogas como forma de minimizar os efeitos do cansaço e do esgotamento.

Primeiros indícios da doença

A síndrome, em geral, se dá a partir de uma percepção de que as metas e objetivos da pessoa não poderão ser atingidos em função de obstáculos, como pressão excessiva, prazos irreais, condições de trabalho inadequadas, autoritarismo, assédio moral, falta de reconhecimento, dentre outros. A pessoa começa a perceber que suas aspirações e ideais não são realistas, passa a experimentar frustração, não se sente recompensado, trabalha mais ainda em busca de realização mas fica cansado e desiludido, o que acaba gerando um questionamento sobre sua competência. A partir daí ele começa a ficar estagnado e frustrado, ou seja, em “quase *burnout*”. Todo o entusiasmo que a pessoa sentia no início vai se transformando em fadiga crônica, dando lugar a situações como irritabilidade, fuga dos contatos, atrasos e faltas. A seguir, a pessoa pode entrar em apatia e “*burnout* total”. “Nesse momento o profissional já experimenta desespero, sua autoestima está corroída, ele pode ficar deprimido e sem sentido profissional e até de vida. Surge aí o desejo de abandono do trabalho”, explica Lucia.



Professores: uma das carreiras mais afetadas

Segundo Gisele, os professores fazem parte de uma categoria profissional que exerce uma função assistencial, fator crucial para o desenvolvimento da síndrome. Este profissional atua em tempo integral junto a pessoas, cuidando e estabelecendo vínculos de afeto com o seu trabalho, colegas, alunos e familiares. Tudo isso gera uma tensão emocional constante e, na medida em que essa relação não se estabelece de forma gratificante, seja por questões institucionais, políticas, violência em sala de aula ou outros fatores, o professor se desgasta ao extremo, acabando por não mais resistir e entrar no processo de Burnout. “Parece que o envolvimento afetivo é um importante fator no desenvolvimento da síndrome. A dificuldade de lidar com o sofrimento do outro pode levar o profissional a um distanciamento emocional como uma defesa para se proteger do próprio sofrimento. A necessidade de estabelecimento de um vínculo afetivo e a incapacidade de efetivá-lo pode gerar

tensão nos profissionais envolvidos em cuidar do outro”, completa Lucia.

Quando suspeitar da doença...

Procure ajuda de um especialista, podendo ser um psicólogo e/ou psiquiatra. Lucia ressalta que, em alguns casos, a pessoa consegue identificar o que está acontecendo e pode implementar algumas mudanças na área profissional, de modo a prevenir o agravamento do quadro e até reverter-lo. “Para isso é necessário que a pessoa faça uma reflexão sobre como está lidando com o trabalho e com as demais áreas de sua vida. Verificar se pode mudar algo externamente e internamente para evitar o avanço para fases mais agudas e prejudiciais. Caso isso não resolva ou amenize o problema, a pessoa deve procurar imediatamente um especialista”, recomenda.

Tratamento

Gisele explica que normalmente o tratamento da síndrome é realizado através da combinação de medicamentos e



Evitando a síndrome

Como o Burnout advém do estresse crônico no trabalho, o ideal é partir para a criação de estratégias de prevenção específicas. Os empregadores têm que promover um ambiente físico e organizacional adequados, desenvolvendo ações de qualidade de vida, estreitando as relações com os profissionais, escutando suas sugestões, tentando agir de forma a gerar um sentimento contínuo de autoeficácia e valorização. "Sabemos que esta síndrome vitimiza aqueles dedicados e muito envolvidos com o seu ofício, investindo toda a sua energia neste setor. O fato é que essa atitude pode ser muito louvável, por um lado, porém limita e pode gerar muitas frustrações. Por isso o ideal é que o sujeito tenha outras fontes prazerosas além do trabalho, como dançar, desenhar, etc. Podemos também acrescentar medidas associadas a estratégias que capacitem o professor a lidar com o estresse em sala de aula, através, por exemplo, de cursos de capacitação para lidar com o *bullying* na escola. Tanto o apoio dos colegas, quanto institucional são bem-vindos. A escola pode minimizar problemas estruturais e a troca de vivências e de questões comuns entre os colegas, favorecendo a criação de

novas expectativas e de possíveis maneiras de lidar com seus desafios cotidianos, frustrações e os ideais inalcançáveis", sugere Gisele.

O Benefício Educação Continuada da Appai também oferece um curso de ensino a distância com o tema "Síndrome de Burnout: Adoecimento docente". Para conhecer esse e outros cursos de formação do professor, acesse o Portal do Associado.

Gisele Cristine Tenório de Machado Levy é doutora em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH – Uerj), Mestre em Educação (Proped – Uerj), Psicóloga e Bióloga. Site: www.vivasemstress.blogspot.com / E-mail: giseletlevy@hotmail.com

Lucia Novaes é doutora em Ciências na área do estresse pela Uerj, tem Pós-doutorado em Psicologia também na área do estresse e mestrado em Psicologia Clínica, ambos pela PUC-Campinas. Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

da psicoterapia. "É importante ressaltar a necessidade de uma boa alimentação, a prática de exercícios físicos, dormir o suficiente, cultivar *hobbies*, enfim, tudo que promova bem-estar e, o mais importante, eleve a autoestima deste profissional. Lucia acredita ainda que algumas estratégias podem ser úteis para prevenir a síndrome. Ela sugere que o profissional crie um grupo de apoio com seus colegas para discutir temas relacionados ao trabalho, de modo a buscar na coletividade o apoio social, através do compartilhamento de ideias e frustrações.

Além disso é interessante que o profissional lembre-se de por que escolheu a sua profissão e da importância de sua atividade para a sociedade, de modo a buscar o sentido do trabalho e reestruturar crenças negativas que foram surgindo a partir das frustrações. Recomenda-se também focalizar nos aspectos positivos da sua situação laboral, buscar uma melhor organização do tempo e estabelecer prioridades, assim como procurar um aumento do senso de competência por meio da observação dos resultados positivos que tem obtido no trabalho.

Feira do Conhecimento estimula a pesquisa e a autonomia



Marcela Figueiredo

O aluno precisa compreender o porquê de ele estar na escola. Nós estimulamos a busca pelo conhecimento e eles acabam trazendo muitas perguntas para os docentes.

No semestre passado, o Colégio Estadual Professor Joel de Oliveira realizou a XIV Feira do Conhecimento. O evento é baseado no projeto político-pedagógico da unidade escolar e tem como objetivo a integração dos conteúdos programáticos “tornando-os mais práticos e prazerosos, a fim de colocar estímulos que vão ao encontro dos interesses de docentes e discentes”, conforme destaca o texto do projeto.

Para Glauce Borges, animadora cultural lotada na unidade escolar, o diferencial de uma instituição que realiza projetos desse tipo é fazer com que os alunos tenham acesso a informações relevantes para a sociedade e entendam quais são as responsabilidades dos cidadãos. “O aluno precisa compreender o porquê de ele estar na escola. Nós estimulamos a busca pelo conhecimento e eles acabam trazendo muitas perguntas para os docentes. Com isso, nós percebemos que o conteúdo foi absorvido”, ressalta a educadora.

O período de desenvolvimento das atividades foi dividido em quatro etapas: divulgação, pesquisa, elaboração e apresentação dos trabalhos durante a Feira. Este foi um projeto interdisciplinar, que envolveu todas as áreas do conhecimento, porém como focos específicos. Entre os temas a serem pesquisados e expostos estavam: água como fonte de energia, africanidade e Dia de Ação de Graças, feriado muito popular na cultura norte-americana. “Queríamos propor um diálogo entre as disciplinas e fomentar a pesquisa. Dessa forma, o aluno conseguiria perceber a aplicabilidade de cada conhecimento”, explica Cleber Correia, diretor adjunto da escola.

Os estudantes realizassem também um trabalho sobre o Dia de Ação de Graças. Com objetivo de que soubessem um pouco mais sobre a cultura norte-americana e quais são as influências no Brasil



Para a realização dos trabalhos, as turmas foram divididas em grupos de cinco ou seis alunos e orientadas a utilizar como fonte de pesquisa o acervo da biblioteca da escola, jornais, revistas, páginas da internet e textos indicados pelos professores. A professora de Língua Estrangeira Rosaneia Moreira pediu que os estudantes realizassem um trabalho cultural sobre o Dia de Ação de Graças. O objetivo, segundo ela, foi fazer com que os estudantes soubessem um pouco mais sobre a cultura norte-americana e quais são as influências no Brasil. "É importante que os alunos aumentem a bagagem cultural e saibam a origem do que praticamos e das palavras que utilizamos no nosso cotidiano. Com o projeto, estimulamos a pesquisa e a autonomia na busca de informações", explica a professora de inglês.

O professor de Língua Portuguesa Mario Alves destaca a importância de os estudantes terem acesso a diferentes experiências educacionais: "Queremos estimular os alunos a ter iniciativa e a pesquisar por conta própria. No entanto, uma experiência não exclui a outra. Eles devem ser apresentados ao maior número de possibilidades de aprendizado possível. Precisam conhecer as opções e descobrir qual o melhor método a ser empregado", destaca o docente.

A participação dos estudantes foi obrigatória e eles foram avaliados levando em consideração o desenvolvimento dos temas propostos, explicação e domínio sobre os assuntos, atuação, interesse e organização. O trabalho serviu como parte da avaliação do quarto bimestre escolar.



Colégio Estadual Professor Joel de Oliveira
Rua Pastor José Ramalho, 98 – Deodoro
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21670-200
Tel.: (21) 2333-5616
E-mail: zmoura@prof.educacao.rj.gov.br
Diretora-geral: Zoraide Moura
Fotos: Marcela Figueiredo



Uma viagem ao passado



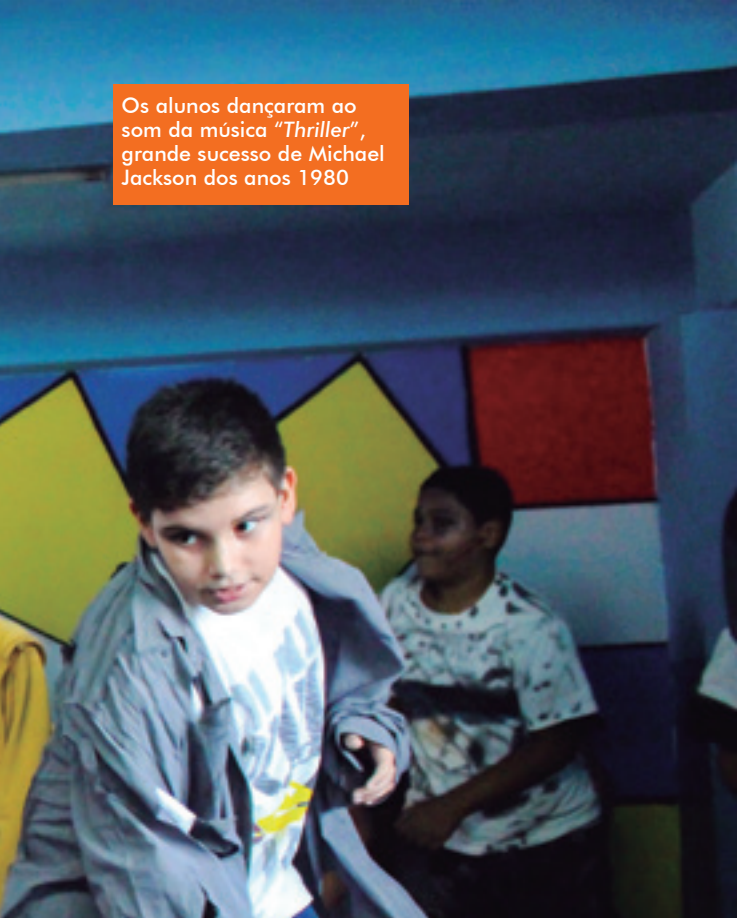
Projeto proporcionou aos alunos um aprendizado sobre os principais acontecimentos históricos do século XX

Qual foi o grande sucesso musical dos anos de 1980? Quando ocorreu a primeira transmissão de TV a cores no Brasil? Quem foi o presidente que sofreu o *impeachment* em 1992? Para essas e outras respostas, a Escola Municipal Ramiz Galvão desenvolveu ao longo de 2015 o projeto *Uma volta ao tempo através das décadas de 20/40/60/70/80/90*. O principal objetivo foi analisar os fatos e acontecimentos históricos, sociais, econômicos de diferentes épocas e propor um paralelo com os conteúdos pertinentes para cada ano de escolaridade, acreditando na ideia de que isso favorece o

enriquecimento das aulas e as avaliações dos alunos, além de permitir a demonstração das distintas habilidades através de atividades promovidas pelas disciplinas.

O motivo da escolha do tema foi pelo fato de despertar o interesse dos alunos pelas matérias de História e Língua Portuguesa, incluindo leitura, produção textual e o trabalho interdisciplinar. Segundo a diretora Cátia Regina Varela, a escola já tem o hábito de apostar em subprojetos, pois acredita que esta forma de ensino proporciona uma maior integração entre as disciplinas e possibilita a realização das atividades de maneira mais lúdica. "Ao iniciarmos

Os alunos dançaram ao som da música "Thriller", grande sucesso de Michael Jackson dos anos 1980



Cada grupo confeccionou seus próprios cartazes, maquetes, quadros e telas, além de leitura e interpretação de textos diversos: crônicas, músicas e poesias. Os alunos do 8º ano apresentaram o trabalho voltado para a década de 1920 e focaram na liberdade da mulher, abordando assuntos como, por exemplo, as mudanças no estilo das roupas. Os fatos mais marcantes dos anos 1940 foram desenvolvidos pelos estudantes do 7º ano, que mostraram um período muito conturbado para a humanidade, devido ao Holocausto e ao lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, no Japão. O projeto A3 (Aceleração 3) lembrou os anos 1970 revivendo a discoteca, na época em que a *disco music* embalava as pistas através do *hit* "Os embalos de sábado à noite", com John Travolta e Donna Summer.

Ao som da música "Oh Happy Day", a turma 1.702, do 9º ano, realizou uma apresentação especial caracterizada com trajes dos anos 1960. Os alunos também desenvolveram cartazes e aprenderam um pouco mais sobre o regime militar no Brasil, além da **grande** novidade daquela época: a primeira transmissão em cores da televisão brasileira. As turmas 1.601, 1.602 e 1.603, do 6º ano, ficaram responsáveis pela década de 1980, dançando e mostrando toda a coreografia da música "Thriller", um dos maiores sucessos do cantor Michael Jackson, levando pais e mães dos estudantes a vibrarem com a apresentação.

Alunos do projeto NJM (Nenhum Jovem a Menos) elaboraram um painel com os principais fatos históricos da última década do século XX, os anos 1990. Destacaram-se o *impeachment* do ex-Presidente da República Fernando Collor de Melo, em 1992, e a conquista da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 1994.

Para a professora Jacqueline Amaro, o trabalho foi importante pelo fato de desenvolver as habilidades dos estudantes fora da sala de aula. "O projeto sobre as décadas foi uma ótima maneira de trabalhar a história de uma forma que foge ao tradicional. Os alunos tiveram contato com fontes de pesquisa diversas e puderam expor seus talentos em desenhos, danças e teatro", conclui.

Colaboração: Leonardo Mega

cada ano, organizamos junto a toda a equipe docente os temas que serão trabalhados no decorrer do período letivo, tendo como referência o desempenho de nossa escola no ano ou semestre anterior. Normalmente, escolhemos um assunto para cada bimestre, pois todas as atividades também servem para a avaliação dos nossos alunos. Além disso, buscamos questões que sejam significativas para eles e que possibilitem a participação efetiva de todos os docentes. Percebemos que os estudantes estão cada vez mais envolvidos com este tipo de proposta, e nesse projeto não foi diferente", conta orgulhosa.

Escola Municipal Ramiz Galvão
Praça Ricardo Gonçalves, s/nº – Realengo
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21750-420
Tel.: (21) 3335-4430
E-mail: emramizgalvao@rioeduca.net
Fotos: Comunicação Appai



Feira de Ciências: um ecossistema de aprendizados e surpresas

Projeto provoca alunos a aguçarem seus sentidos em prol do conhecimento

Sandra Martins

“**O**lha, tia, aqui é o ecossistema da planta. É um terrário, o ambiente é igual à natureza, onde as plantas nascem. Aqui a gente põe as pedras espalhadas; a terra adubada, que serve para alimentar as plantas. Olha, tia, aqui tem bichinhos, as minhocas. A gente fez buraquinhos, colocamos as sementes e terra por cima. Botamos a jardineira num lugar que não pegasse muito sol e nem muita sombra. E todos os dias a gente regava e vigiava para ver o nascimento da plantinha. Até que nasceu nossa semente de girassol!”. Esta foi a explicação de Kayk, 8 anos, no 2º ano do Ensino Fundamental, ao falar sobre o ecossistema e o terrário no projeto *Instituinte*, da Feira de Ciências da Escola Municipal Dom José Pereira Alves, no bairro do Fonseca, em Niterói. O objetivo do evento foi articular a Lei 11.645/2008, no que tange às culturas indígenas e suas contribuições no campo das ciências naturais.

Outra futura pequena cientista, que deu uma bela e sucinta explicação sobre o ciclo da água, foi Juliana, de 10 anos. Discorreu sobre a evaporação produzida pelo aquecimento do sol, a formação das



Através das dinâmicas em grupo, os alunos aprenderam que o ecossistema é classificado de duas formas: os terrestres e os aquáticos

nuvens empurradas pelos ventos e que se precipitam em forma de chuva até caírem novamente no solo e encontrando outras águas. “Assim começa tudo de novo”, afirmou a menina sob o olhar cúmplice de suas professoras Valéria Assis e Gesana Barcelos, orgulhosas das apresentações realizadas pelas crianças, que afirmaram que os textos dos cartazes foram produzidos por eles mesmos. Eles entenderam e descreveram o processo do ecossistema com suas próprias palavras.

De acordo com a diretora-geral Milena Rodriguez Maia, a 3ª Mostra de Ciências foi contemplada com recursos do projeto *Instituinte*, organizado pela Fundação Municipal de Educação, criado com o objetivo de fazer com que todas as escolas do município focalizassem os temas mais diferentes, com exposições e apresentações realizadas pela comunidade escolar. A coesão do grupo foi fundamental para que o processo fosse desencadeado e conseguissem alcançar as metas planejadas. Na ocasião, a docente de Biologia Patrícia Soares abraçou o projeto pedagógico trabalhando com os demais professores de forma que cada um pudesse encontrar seus próprios caminhos e explorasse suas potencialidades.

Patrícia afirmou que a escola já vinha trabalhando as culturas negras a partir da Lei 10.639/2003. E, com o projeto da feira, puderam propor abordagens sobre as culturas e história indígenas conforme preconiza a Lei 11.645/2008, que, nos moldes da lei anterior, alterou o artigo 26 A da Lei de Diretrizes e Bases incluindo este tema no currículo escolar.

Numa perspectiva geral, das 11 turmas de Educação Infantil até o 5º ano, o primeiro ciclo trabalhou os estados físicos da água e contou com o auxílio do vaporizador (por sinal um sucesso entre os alunos, segundo a professora Maria das Graças, do 1º ano), enquanto o segundo ciclo se debruçou sobre o surgimento do dia e da noite e o terceiro tratou do terrário, observando a germinação. Na metodologia, contaram com contação de histórias das variadas nações indígenas brasileiras, vídeos, tecnologia de informação, palestra com a mestre e professora Sandra Benites, da nação Guarani, que, entre vários temas, tratou da associação entre o saber indígena e o uso das plantas medicinais e da fitoterapia.

Cada professora, em sua disciplina, desenvolveu suas discussões a partir do tema gerador, recebendo apoio de Patrícia com relação ao material que poderiam utilizar. Este, na realidade, seria o papel da coordenadora pedagógica Paula Campos, que esteve afastada por licença maternidade, mas ajudava no que podia, mesmo a distância. Em seu retorno à unidade escolar, abraçou o projeto integrando-se completamente ao processo.

Paula conta que um dos temores do grupo era com relação à logística que chegaram a montar, pois esta versão da feira teve como especificidade ser realizada fora do ambiente da sala, ou seja, no pátio da escola. Todas as turmas do mesmo turno estariam interagindo ao mesmo tempo, sem que os professores pudessem ter o controle sobre eles. Uma prova de fogo para as crianças e para toda a equipe pedagógica e de apoio.



As experiências realizadas pelos alunos transmitiram todo o conteúdo do estudo praticado em sala de aula. A integração do grupo fez com que o projeto se tornasse um sucesso na escola



Os alunos tiveram a oportunidade de criar vidas através do cultivo de vegetais. Aprenderam como plantar, adubar, regar, colher, além de acompanhar a evolução do ecossistema

"Ficamos muito preocupadas de fazerem bagunça nos banheiros, de ficarem no entra e sai, e pensamos em colocar professoras tomando conta das salas e banheiros. Entretanto, eles nos surpreenderam. Foram absolutamente ordeiros", disse Paula, encantada com o cuidado e a felicidade das crianças ao saberem que repórteres iriam ver a apresentação deles na Feira de Ciências. "Tivemos alunos que perguntaram se poderiam vir com uma roupa nova. Claro que não, respondia. Guarde-a para sair, aqui os jornalistas virão para conhecer vocês que são alunos e vão apresentar um trabalho feito dentro da escola". De fato, os estudantes entenderam o recado e se esmeraram na apresentação, tanto que até os considerados levados foram os que mais encantaram as professoras pelo domínio dos conteúdos, controle emocional e clareza na exposição.

Ante tantos destaques mais dois registros interessantes. O primeiro relaciona-se aos alunos com necessidades especiais que também participaram de atividades, ora na sala de recursos, ora durante o evento nos estandes. Como ocorreu com o jovem cadeirante Luiz Paulo que, animado, acompanhava o trabalho e ficava atento interagindo com os colegas.

O segundo destaque refere-se ao estande "Explore seus sentidos", sob a supervisão da professora Gabriela Medela. Os alunos da 3ª série abordaram esse assunto através de várias brincadeiras para que as pessoas entendessem que eles constituem uma forma de interagir com o mundo. Foram montados cinco grupos, cada um com um sentido. Fizeram dados gigantes em que cada face tinha o nome do sentido a ser defendido: tato, visão, paladar, olfato, audição. A pessoa jogava o dado e o resultado definia o grupo de acolhimento, que deveria conceituar

o sentido, apresentar exemplos e organizar uma brincadeira para que a pessoa vivenciasse como ele é executado. No caso da visão, por exemplo, a brincadeira seria vedar os olhos, sendo em seguida colocada uma bacia com alguns objetos que a pessoa teria de identificar pelo tato dos pés.

Não só as crianças estavam animadas com a feira, mas os pais se mostravam muito orgulhosos com os trabalhos e desempenho de seus filhos. Mileni Rodriguez escutou muitos elogios dos responsáveis, inclusive no tocante às propostas de reciclagem de pneus, utilizados como jardineiras, ou mesmo de objetos antes fadados ao lixo e que agora eram apresentados a partir de outras possibilidades decorativas e utilitárias. Como disse Rosângela Fontes, professora de Artes, "algumas mães ficaram encantadas com os bichinhos feitos de garrafa *pet*". Entretanto, mais realizadas ainda estavam as docentes e as crianças com o sucesso da atividade em conjunto: todos de parabéns e aguardando os próximos trabalhos com novas experiências que tanto estimulam o aprendizado, além da parceria, da interação, da cooperação, do amadurecimento, da autonomia, da responsabilidade e da ação em equipe.

Escola Municipal Dom José Pereira Alves
Rua Tenente Osório, 73 – Vila Ipiranga –
Fonseca – Niterói/RJ
CEP: 24130-209
Tel.: (21) 3603-8052
E-mail: eedjpa@hotmail.com
Coordenadora Pedagógica: Paula Campos
Fotos: Marcelo Ávila

A África nos processos de formação de palavras “brasileiras”

Sandro Gomes*

Dando continuidade ao nosso estudo da influência dos idiomas africanos no português brasileiro, vamos agora abordar alguns processos pelos quais os falares próprios dos povos trazidos pelo tráfico negreiro influenciaram o modo como utilizamos a língua portuguesa em nosso país. Vamos perceber que vários fenômenos linguísticos estudados e descritos por pesquisadores entraram em ação nesse processo que desenvolveu a nossa maneira de falar. Você vai notar que está em terreno bem familiar.

A **Dissimilação**, processo de mudança linguística em que há a troca de um ou mais fonemas, resultando em um diferente, é um desses casos. A palavra **nego** (*negro*) é um bom exemplo. É conhecida dos estudiosos da língua portuguesa a dificuldade de alguns falantes de idiomas vindos da África de pronunciar certos grupos consonantais. O resultado, nesse caso, foi a supressão do *r*, provocando mudança no próprio radical, como se pode ver nos processos de derivação (*negão*, *neguinho* etc.). Oriunda da forma de falar popular, hoje transformou-se numa expressão nacional, inclusive nem sempre se referindo ao cidadão de origem afrodescendente.

Outro caso é o da **Aférese**, que ocorre quando há uma supressão de fonemas no início da palavra. São atribuídas aos falares africanos formas como **tá** (*está*), falada generalizadamente em todo o país, e **ocê** (*você*), muito praticada em algumas regiões brasileiras.

A alteração nos ditongos *ei* e *ou*, processo conhecido como **Redução**, também atribuída à pronúncia de falantes africanos, é outro fato bastante presente em nosso cotidiano. Deu origem a pronúncias como **chero** em vez de *cheiro* e **loco** no lugar de *louco*.

Em um falar bem típico do homem do interior do Brasil ocorre o processo conhecido como **Apócope**, a supressão de fonemas, principalmente o */e/* e o */r/*, no final das palavras. São os casos de vocábulos como **generá** (*general*) e **mé** (*mel*), muito usados na fala espontânea de muitos habitantes de certas regiões do país, independente da escolaridade e do domínio da norma culta.

Em outro processo muito comum na fala registrada pelo interior brasileiro encontramos termos como **muíé** (*mulher*)

e **oiada** (*olhada*), resultantes de **Vocalização** (no caso com a substituição do *lh* pelo *i*), processo que consiste em empregar fonemas nos quais predominam sons vocálicos no lugar daqueles que originalmente mantinham sons consonantais. Devemos a esse processo a própria forma de pronunciarmos o nome do nosso país: **Brasiu**, com *u* no final em substituição ao *l*, pronunciado de modo muito palatal pelos portugueses.

Como um último exemplo de processos de formação de palavras influenciado pelas línguas oriundas da África, citamos a **Ditongação**, que representa a inclusão de uma semivogal ao lado de uma vogal já existente, formando um ditongo. Palavras como *mês* ou *paz*, que em muitos pontos do país se pronuncia como se houvesse a inclusão de um *i* (**meis**, **paiz**), são alguns exemplos.

Alguns dos casos citados acima ocorrem com muita frequência na fala popular de áreas menos atingidas pela cultura urbana, o que em nada reduz seu valor linguístico, haja vista o que tais formas de expressão passaram a representar em termos estéticos, quando trabalhadas por nossos grandes expoentes da literatura. Ainda nessa série de matérias sobre a influência dos falantes africanos no português brasileiro vamos abordar alguns casos.

Amigos, sobre os processos de formação de palavras que foram empregados, marcando a influência das línguas africanas no nosso modo de falar o português, é isso. Na próxima edição vamos conhecer como foram as contribuições dos falantes oriundos do outro lado do Atlântico nos campos da morfologia e da sintaxe. Até a próxima, pessoal!

***Sandro Gomes** é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, Escritor e mestrando em Literatura Brasileira.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.



Adaptar-se ao envelhecimento garante mais qualidade de vida na Terceira Idade

Jéssica Almeida

A terceira idade caracteriza-se por mudanças físicas em todo o organismo do indivíduo, alterando suas funções e trazendo mudanças nos seus comportamentos, percepções, sentimentos, pensamentos, ações e reações. Mas, afinal, quais os cuidados necessários para envelhecer com qualidade de vida? A partir de que idade devemos procurar um geriatra? Essas e outras perguntas foram respondidas por Fátima Alves, psicomotricista e autora de livros voltados para essa temática, através de uma entrevista exclusiva para a Revista Appai Educar. Confira:

Revista Appai Educar: A partir de que idade devemos procurar um geriatra? Quais as vantagens?

Fátima Alves: Até determinada idade as funções orgânicas apresentam um pico máximo de rendimento. A idade varia muito em função da boa utilização do corpo, colocando-o em funcionamento, de preferência com prazer. Sabemos que as marcas da passagem do tempo são inevitáveis e não é porque envelheceu que seu corpo declinará, pois você pode preparar bem a sua saúde para a chegada da velhice. Saiba





de um geriatra. Ele estuda o processo de envelhecimento, então sabe exatamente o que o idoso precisa. Não deixem de procurá-lo.

Revista Appai Educar: O que diferencia a geriatria e a clínica geral e como essas especialidades ajudam na saúde no paciente?

Fátima Alves: O geriatra é aquele que sabe de tudo um pouco, estuda muita Clínica Médica, Cardiologia, Psiquiatria, Neurologia, Pneumologia, Nefrologia e outras especialidades, domina uma determinada área e é capaz de prevenir, avaliar e tratar doenças dos mais diferentes aparelhos do nosso corpo. Sua dedicação ocorre em função do estudo para o idoso e o processo de envelhecimento, tornando-se referência para os outros especialistas. As duas profissões são importantes, cada uma na sua especificação. Com certeza, quando o idoso se dirige ao clínico geral ele será tratado e, com certeza, encaminhado para o geriatra.

que as idades variam muito em função da utilização do corpo durante a própria vida, até porque em determinadas fases ele começa a apresentar modificações biológicas, morfológicas, orgânicas e psíquicas que vão acontecer até o final dela. Importante é compreender que, quanto mais cedo se procurar o geriatra, melhor, porque ele fornecerá o apoio e a orientação necessária para o resgate da figura da pessoa no envelhecer. O geriatra se torna um médico da família, tratando das particularidades da saúde diante do envelhecimento, muito importante para proporcionar melhor qualidade de vida, tanto para o idoso, quanto para a própria família, que também tem que ser cuidada para receber, entender e compreender a velhice. É fundamental que as pessoas com 60, 80 ou 90 anos passem a se utilizar

Revista Appai Educar: Qual o exercício adequado para aqueles que já chegaram na terceira idade?

Fátima Alves: Precisamos estar atentos para saber quais exercícios são mais indicados para cada pessoa. Por isso, é fundamental que sejam sugeridos por especialistas, como psicomotricistas ou educadores físicos, paralelamente aos profissionais que acompanham os idosos no seu dia a dia. Todo exercício deve buscar melhorar, aumentar e evitar doenças comuns, quedas, falta de equilíbrio e fraquezas. Sempre com a intenção de fortalecer os músculos, melhorar a flexibilidade e favorecer a independência de sua condição física. Como exemplos temos a natação, a hidroginástica, a hidroterapia, caminhadas, pilates, ioga, dança e outros,

Curiosidades

De acordo com a ONU, a **terceira idade** é a fase da vida que começa aos 60 anos nos países em desenvolvimento e aos 65 nos países desenvolvidos.

Os geriatras, sob o ponto de vista biológico, dividem as idades em:

Primeira idade: 0 – 20 anos

Segunda idade: 21 – 49 anos

Terceira idade: 50 – 77 anos

Quarta idade: 78 – 105 anos

Há ainda uma outra forma, que classifica os idosos em 3 ramos:

Idoso jovem: 66 – 74 anos

Idoso velho: 75 – 85 anos

Manutenção pessoal: 86 anos em diante

O termo “Terceira Idade” foi criado pelo gerontologista francês Huet, que se baseou num início cronológico que coincide com a aposentadoria (entre 60 e 65 anos).

conforme recomendação do profissional especializado. Os exercícios têm que levar o idoso a se motivar pela coisas, fugir do sedentarismo para favorecer a saúde e a qualidade de vida.

Revista Appai Educar: Quais os cuidados necessários para envelhecer com qualidade de vida?

Fátima Alves: Para um envelhecimento sadio a primeira coisa é se sentir feliz diante do que se faz. O otimismo deve fazer parte. Esse envelhecimento deve ser preparado muitos anos antes, através de hábitos saudáveis, positivos, que devem dar seguimento às atividades da vida diária, como também práticas alimentares mais saudáveis, procurar fugir de aborrecimentos, mesmo que seja difícil, realizar atividades físicas regularmente, enfim, buscar a melhor qualidade de vida. Não se deve consumir álcool ou cigarro. Tudo que leve ao excesso e à repetição deve ser evitado.

Fátima Alves é socioterapeuta Romain-Thiers, Psicomotricista titulada pela SBP. Autora dos livros “Psicomotricidade: corpo, ação e emoção” e “A Psicomotricidade e o Idoso: uma educação para a saúde”. Publicados pela Wak Editora.



Viajando com a ajuda da tecnologia

Já pensou em fazer uma excursão por Machu Picchu com seus alunos? Agora é possível conhecer as ruínas da civilização Inca, e muitos outros lugares do mundo, sem precisar sair da sala de aula. A plataforma *on-line* *Google Expeditions* oferece conteúdo de realidade virtual para ser usado nas escolas, com o objetivo de deixar os estudantes mais envolvidos durante as aulas. A partir de um *tablet*, o professor pode guiar até 50 alunos pelos mais de 120 destinos disponibilizados na plataforma, como a superfície de Marte, as geleiras na Antártica e a floresta de Borne.

Através do programa pioneiro do *Expeditions*, várias escolas de alguns países ao redor do mundo, como Estados Unidos, Nova Zelândia, Reino Unido, Brasil, Canadá, Cingapura e Dinamarca, receberão um *kit* completo com tudo o que os professores precisam para guiar seus alunos na expedição virtual. O time do *Google* demonstrará aos docentes, antes do início da aula, como o programa funciona.

O projeto combina uma plataforma desenvolvida com professores para a sala de aula com conteúdo de realidade virtual envolvente. O melhor de tudo é que ele funciona em diversos dispositivos já utilizados pelas escolas. Com mais

de cem passeios disponíveis, a iniciativa faz com que seja fácil envolver os alunos em experiências totalmente novas em todo o mundo.

Durante os laboratórios, outro recurso é utilizado para deixar o aprendizado ainda mais realista: o *Google Cardboard*. Feito de papelão e lente de 45 milímetros, a ferramenta funciona como um óculos de realidade virtual e pode ser adquirida através do *site* da Amazon. Para utilizá-la, basta acoplar o *smartphone* no aparelho e, em seguida, posicioná-la em frente aos olhos.

Atualmente, o *app* responsável por fazer a mágica acontecer já permite *tours* educacionais por mais de 100 ambientes distintos, incluindo o sítio arqueológico maia *Chichén Itzá*, o lendário monumento militar Muralha da China e o belíssimo recife australiano conhecido como Grande Barreira de Coral.

Se a sua escola tem interesse em participar do projeto, as inscrições para visitas da equipe do Google ainda estão abertas no *site*. Para obter uma das vagas, que são limitadas, é necessário que, no mínimo, 6 professores da instituição solicitem a experiência.

Colaboração: Richard Günter



As alunas da turma 11.512 apresentaram uma maquete simulando uma plataforma de petróleo

O futuro da ciência em boas mãos!

“**H**oje a tecnologia privilegia muito desenvolvimento e várias questões humanas, sociais e culturais, mas também de alguma forma nossos alunos estão mais preguiçosos, até porque tudo pode ser resolvido em tempo real. Então, cada dia que passava, nós percebíamos que eles usavam mais esse recurso ‘copiar e colar’”, afirma a supervisora pedagógica Miriam Cardoso Garcia. Para mostrar aos estudantes que eles precisavam aprender a pesquisar, ser criativos e solucionar os problemas existentes na sociedade, o Colégio Santa Mônica, unidade Bento Ribeiro, desenvolveu ao longo de 2015 o projeto *Cientistas em ação*. Luz, energia e arte foi o tema gerador, inspirado na Unesco, em virtude dos grandes problemas relacionados a questões hídricas.

Segundo a diretora Hermínia Maria Parente Gonçalves Magalhães, o objetivo foi ensinar o aluno a compreender o mundo em que vive, suas possibilidades e limitações, e a

entender que o ser humano não é o centro do universo. “Foi organizado todo um projeto de pesquisa, desenvolvendo uma série de habilidades junto com os professores, que mediavam todos os conflitos que acontecem nesse trabalho de equipe. Despertamos a curiosidade deles para buscarem as soluções para problemas, além de aprofundarem o conhecimento de todos os envolvidos”.

O trabalho foi distribuído em várias etapas. Os alunos apresentaram tudo que foi organizado ao longo de 6 meses. Eles passaram pelo levantamento das hipóteses, depois testaram, para comprovar ou não a viabilidade do projeto, além de elaborarem um diário de bordo com todas as reuniões e um relatório que foi aos poucos sendo disponibilizado. “Os estudantes expressaram todo o conhecimento agregado, uma aprendizagem colaborativa e significativa. É nisso que acreditamos enquanto educadores. Eles precisam criar conceitos, sintetizando essas ideias, e transformando em aquisição para o



resto da vida”, afirma a supervisora pedagógica Miriam Garcia.

As atividades foram desenvolvidas em sala de aula, com participação de estudantes desde o Ensino Infantil até a 2ª série do Médio. Alguns momentos com os professores orientadores e, em outros, com a participação das famílias. “A integração é muito maior, pois aqueles alunos que mostravam dificuldade de lidar com o grupo tiveram a oportunidade de melhorar as suas habilidades afetivas, sendo essa também a função da escola, junto com o conhecimento, a oralidade e desenvolvimento do pensamento”, afirma a diretora Hermínia Guimarães.

A supervisora pedagógica da creche e escola integral Denize da Cruz Macedo destacou o sucesso que a tarefa proporcionou aos seus alunos. “Eu trabalho com crianças. Essa atividade também foi desenvolvida com estudantes com idades entre 14 meses e 12 anos. Nós trabalhamos o quadro ‘Os Girassóis’, do holandês Van Gogh. Essa planta significa vida, energia, o nascer do sol. E vai ao encontro da proposta deste projeto. Para cada turma, foi realizado um procedimento. O mais importante é dar condições para que, quando crescerem, esses alunos saibam o que fazer com tanta informação”, afirmou.

Claudia Borges, mãe da estudante Maria Eduarda de Jesus, destacou a importância do trabalho em equipe. “Esse projeto trouxe muita responsabilidade para a minha filha, que soube lidar bem com ela, além de saber dividir as tarefas. Pude in-

clusive estar presente em alguns momentos e confesso que também aprendi muito com o grupo”, conta sorridente.

Para Anna Larissa Ferreira, da turma 11.712, a atividade serviu para alertar sobre o desperdício que cometemos diversas vezes em nosso dia a dia. “Nosso grupo pesquisou e percebeu a importância da água na vida das pessoas. Muita gente não sabe que, para abrir a porta de um ônibus ou pisar no freio de um carro, usa-se a pressão hidráulica. Em todo o nosso trabalho nós usamos material reciclado e ainda captamos a água da chuva”, afirmou.

Os objetivos foram alcançados, segundo a supervisora pedagógica Miriam Garcia. “Mostramos para eles que precisavam aprender a ser pesquisadores, pois a academia necessita de potencial humano, e a proposta principal desse projeto é que sejam pessoas inovadoras, científicas, criativas e possam solucionar problemas existentes na sociedade”, finaliza.

Colaboração: Leonardo Mega

Santa Mônica Centro Educacional
Rua Divisória, 79 – Bento Ribeiro – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21331-250
Tel.: (21) 3369-9595
Site: www.santamonica.com.br
Fotos: Comunicação Appai



Projeto leva a esgrima à sala de aula e promove manifestação corporal

As lutas sempre estiveram presentes na história da humanidade nas atitudes ligadas às técnicas de ataque e de defesa, além de serem consideradas, por alguns povos, como sabedoria de vida. A prática como conteúdo da educação escolarizada tem adaptações pedagógicas que contribuem para a formação cidadã do aluno e não apenas como técnica de movimento. Contudo, a arte marcial como um processo essencialmente educativo pode criar a possibilidade de se efetivar um instrumento para o desenvolvimento disciplinar, viabilizando o preparo do indivíduo para a superação dos desafios, bem como transferência de conhecimento e experiências vividas num ambiente esportivo/escolar para os demais segmentos da vida.

Todavia, as lutas devem ser abordadas de forma reflexiva, direcionada e não apenas para desenvolver capacidades e potencialidades físicas de maneira a que os alunos vivenciem essa manifestação cultural de forma crítica e consciente, estabelecendo relações com a sociedade em que vivem. Para abordar este conteúdo, devem-se valorizar os conhecimentos que identificam as questões culturais, o lugar, o tempo em que as lutas foram ou são praticadas. Assim, os alunos têm a educação física como um facilitador para o conhecimento e aprendizagem das manifestações que compõem a cultura corporal, através da prática dos esportes, das lutas e da dança. Além

disso, ela desenvolve também os três níveis de conhecimento: socioafetivo, cognitivo e motor. Mas, diante da possibilidade de utilização das lutas, qual é a forma ideal de trabalhá-las nas aulas de educação física, sem que façam alusão à violência?

Os alunos da Escola Municipal Professora Marisa Vargas Menezes, na comunidade do Rio das Pedras, puderam vivenciar este esporte olímpico a partir de uma data comemorativa bem distante dos conteúdos da Educação Física. Após a apresentação do dia da Independência do Brasil através de um programa infantil, foi mostrada a foto de uma clássica pintura de D. Pedro I, às margens do rio Ipiranga, com sua espada desembainhada declarando "Independência ou morte". A partir desta imagem, os alunos foram questionados a respeito de um esporte que utilizaria esse objeto em sua prática.

A origem da esgrima remonta à pré-história, quando o homem empregou, pela primeira vez, um pedaço de madeira para se defender ou atacar, garantindo a sua sobrevivência. Todavia, só com o surgimento dos metais foram criadas, de fato, as primeiras armas de combate, sendo, inicialmente, empregadas por chefes de grupos ou tribos. Atualmente, como prática esportiva ela pode ser disputada com três tipos diferentes de lâminas: a espada, o florete e o sabre. O esgrimista deve tocar o adversário com a lâmina e evitar que o mesmo aconteça com ele. Para cada uma das armas utilizadas, muda a zona do



Para os combates, foram utilizados entre os alunos coletes de papelão revestidos de fita adesiva, óculos de proteção e espadas feitas com folhas de jornais



corpo onde o toque é válido. Cada luta dura três períodos de três minutos ou até que um atleta toque 15 vezes o oponente. Quando a disputa é por equipe, dois trios competem durante nove períodos de três minutos.

A aula coordenada pela professora de Educação Física Aurea Sakamoto Pais foi fragmentada em três partes, tendo em média 1h40m de conteúdo por dia. Na primeira, foi apresentado um vídeo explicativo sobre os elementos da esgrima, suas categorias e algumas regras. A partir deste conhecimento prévio, atividades de equilíbrio, agilidade, tomada de decisão e concentração foram trabalhadas na quadra. Na segunda, os alunos confeccionaram espadas com jornais e fitas adesivas, auxiliando seus colegas que não estavam conseguindo produzir de forma satisfatória. Os elementos técnicos do esporte desenvolvidos nesta aula foram: a postura básica (Guarda), os deslocamentos para frente e para trás (Marchar e Romper) e um movimento de ataque (Afundo). Para este último, as espadas confeccionadas foram usadas, assim como alvos previamente construídos pela educadora. Já na etapa final, habilidades desenvolvidas foram colocadas à prova em combates que, além da técnica adquirida, exigiram iniciativa e, podemos dizer, coragem dos alunos.

Cada combate aconteceu entre dois participantes vestindo coletes de papelão revestidos de fita adesiva e amarrados ao corpo, óculos de proteção, suas espadas e guache de 2 cores que representavam as equipes. Antes de iniciar a competição, cada um molhava a ponta de sua espada no guache de sua cor e, a cada marca feita no colete do adversário, um ponto era marcado para o time que acertou a pontaria. Cada dupla teve 40 segundos para pontuar a sua equipe.

As lutas trazem consigo variadas formas de conhecimento da cultura humana que foram historicamente produzidas pela sociedade, repletas de simbologias e valores culturais. Ensinar esse conteúdo nas aulas é importante para os alunos conhecerem e aprenderem as diferentes culturas, princípios existentes em algumas modalidades. Entende-se que a luta é uma manifestação de cultura de movimento que não pode ser negada, e seu ensino na escola não exige que o docente seja treinador ou professor de artes marciais, já que não se pretende formar um atleta/lutador, mas sim que os alunos apreciem as lutas como cultura corporal. Para Carlos Eduardo Novaes, formado em Direito pela Universidade Federal da Bahia, jornalista e escritor com 44 obras publicadas, o professor que propõe projetos sobre lutas deve inserir um debate sobre a violência para poder “separar o joio do trigo”. “Essa palavra foi banalizada ao extremo. Por definição, ela é um tipo de constrangimento (físico ou moral) que se exerce sobre alguém. Na luta, como prática esportiva, isso não existe. Nas lutas o que prevalece é um espírito de competição que limita o comportamento dos contendores com regras bem definidas, até para que o embate não descambe para os excessos que caracterizariam uma violência gratuita”, explica Novaes.

Dentre os benefícios da prática da esgrima, pode-se listar: aumento da autoconfiança; desenvolvimento da criatividade; maior resistência muscular e força; agilidade de raciocínio e estimulação de reflexos rápidos; ganho na concentração e no equilíbrio; facilidade na coordenação de movimentos.

Para Sakamoto, o projeto foi um sucesso. “Os alunos responderam muito bem às novas vivências e pude perceber desempenhos acima das expectativas. Acredito que foi uma experiência única e positiva, de maneira que posso finalizar o relato deste projeto com a clássica expressão da esgrima: Touché!”, ratifica.

A palavra “*touché*” significa “tocado” e era a expressão usada pelo esgrimista quando a ponta da espada do adversário tocava seu corpo. Depois passou a ser empregada por aquele que golpeia o adversário e conquista o ponto.

Colaboração: Richard Günter

E. M. Prof.^a Marisa Vargas Menezes
Estrada de Jacarepaguá, 5.011
Rio das Pedras – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22753-045
Tel.: (21) 3415-5026
E-mail: emmarisavargas@rioeduca.net
Diretora: Walquina Seda Mascarenhas
Coordenadora do projeto: Aurea Sakamoto Pais
Fotos cedidas pela escola



Viva a Carioquice

Ansiosamente, os alunos torciam e gritavam dando força aos colegas que participavam das dinâmicas promovidas em alusão às Olimpíadas 2016



Exposições de maquetes com os principais pontos turísticos do Rio de Janeiro, dinâmicas com água em alusão ao calor e praias da cidade, além de apresentações musicais com os ritmos que marcam a alma carioca. Assim foi o desfecho do projeto *450 Cultura: Viva a Cariquice*, em comemoração aos 450 anos da Cidade Maravilhosa.

Iniciado em fevereiro de 2015, a Escola Municipal Luís Carlos da Fonseca promoveu a cada bimestre uma nova etapa de comemoração visando estimular a participação de toda a comunidade escolar, fomentando a produção e a difusão de conhecimentos, relacionados à memória e à cultura popular. Para isso, diversos estudos foram realizados de modo

a identificar e valorizar o patrimônio cultural, bem como a diversidade e o caráter multicultural da sociedade carioca.

Após o momento cívico, com a execução do Hino Nacional e o da Cidade, a Diretora Sílvia Neves realizou um *Quiz* de perguntas e respostas retiradas do jogo de tabuleiro "Desafio Carioca", criado pelo jornalista Luiz André Alzer, com ilustrações de Bruno Drummond e Renato Machado, no qual os participantes poderiam mostrar conhecimento sobre a terra de São Sebastião, envolvendo seis temas: Recantos da Cidade, Esporte & Boa Forma, Fatos Históricos, Samba, Diversão & Arte e Morros. Logo em seguida, a professora Vilma de Deus, de Educação Física, iniciou uma gincana, dando o pontapé inicial para o projeto de 2016, que terá como tema: "Foco, Determinação e Fé", uma referência aos Jogos Olímpicos, porém fugindo do óbvio. Assim, foram criadas atividades com materiais alternativos, com interação coletiva e jogos de oposição que incentivassem a criatividade, a cooperação e a competitividade.

Mas qual foi a metodologia aplicada para que esse projeto tivesse o sucesso que teve? Durante todo o ano letivo, os alunos realizaram atividades referentes à história da Cidade do Rio de Janeiro. Na Sala de Leitura, a professora Cristiane Castro apresentou aos estudantes literatura relacionada à história da cidade, assim como textos literários que fizessem alusão ao Rio, incluindo contação de histórias. Toda produção foi exposta na Tenda Literária, que recriou o Símbolo Rio 450, maquete dos Arcos da Lapa, pintura de azulejos, construção de livros ilustrativos e linha do tempo com os principais fatos acontecidos na cidade.

Já a Professora Michele Batista expôs, num trabalho interdisciplinar, toda flora e fauna do Rio na visão dos alunos, confeccionando, a partir de sucatas, o ecossistema carioca, unindo arte e sustentabilidade. Outra docente, Geisa Reis, realizou uma exposição onde foram apresentados pratos descartáveis pintados onde eram retratados os pontos turísticos estudados e visitados durante o ano. Sob a orientação da professora Andreia Marcatto, foi realizada com os alunos uma pesquisa sobre os bairros, dando ênfase a Madureira, berço do samba (sede das escolas Portela e Império Serrano), e onde também está situada a escola Luís Carlos da Fonseca. A professora Marlene Costa demonstrou a preocupação com o meio ambiente, retratando a Baía de Guanabara e a Lagoa Rodrigo de Freitas. E, visando os eventos esportivos de 2016, os estudantes focaram nas manchetes e nas Olimpíadas e Paralimpíadas.

Do Leme ao Pontal

O público que foi chegando no pátio da escola logo apreciava as exposições produzidas pelos alunos, enquanto estes participavam das gincanas. Quando indagados sobre aquilo de que mais estavam gostando, a resposta era como a de Eliane Batista, mãe de uma das alunas da 3ª série do Ensino Fundamental: "Achei tudo muito bonito e criativo, mas estou ansiosa pelas apresentações musicais". A atração mais esperada pelo público também fechou com chave de ouro o projeto que enalteceu a alma carioca.



**Descobridor dos Sete Mares
(Tim Maia) - Turma: 1.201**



**No Flow (MC Guimê)
Turmas: 1.301 e 1.302**



**O meu lugar (Arlindo Cruz)
Turma: 1.402**

O descobridor, viajando pelos mares, chegou à orla do Rio de Janeiro e já naquele momento vislumbrou as belezas naturais da nossa cidade. Foi guiado por uma luz azul e, mesmo avisado dos perigos, chegou, ficou bem à vontade e descobriu as cores da vida e a alegria. O Rio está de braços abertos esperando por aqueles que se arriscam a navegar para descobri-lo.



Menina Má (Melanina Carioca e MC Nego do Borel)
Turma: 1.401

A música, cheia de alegria, tem o estilo carioca. A turma 1.401 canta e encanta mostrando o suingue carioca, o *funk* ostentação, ao som de Melanina Carioca e MC Nego do Borel.

A cultura carioca possui traços marcantes, dentre eles o *funk* e o futebol. Uma combinação perfeita entre ginga e suingue. Pensando nisso, optaram por uma música bem leve e descontraída.

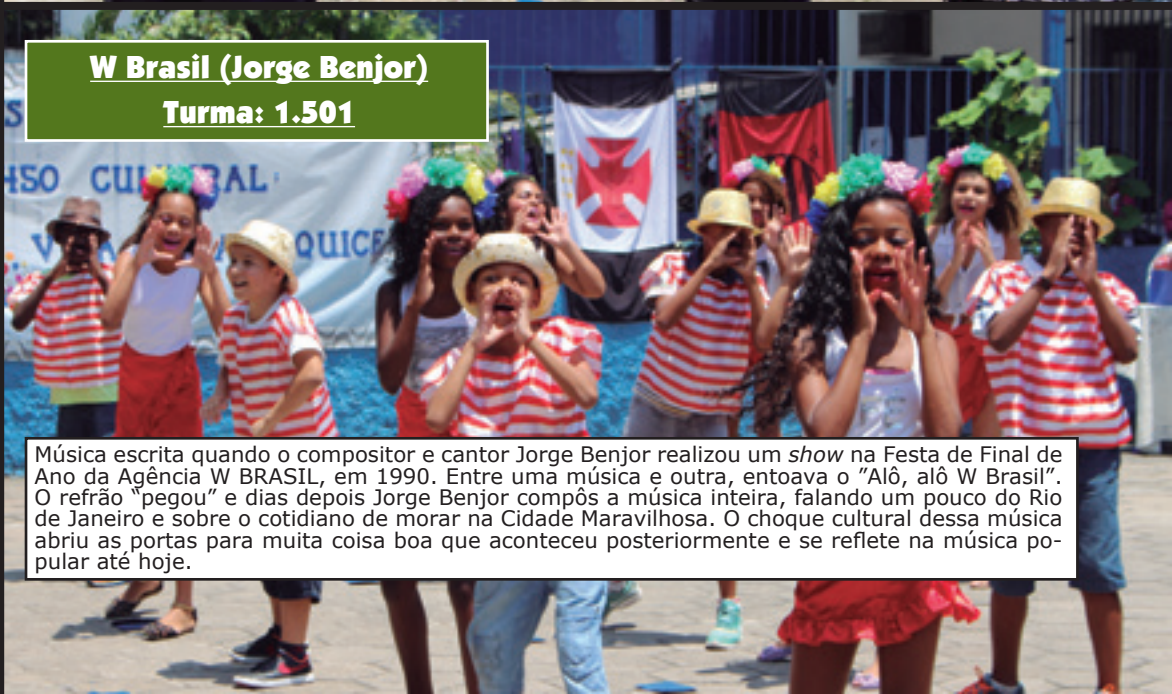


Pout-pourri carioca (Lucila Neves)
Convidados especiais: Alunos de Educação Física da Unisuam

Para finalizar o projeto, um grupo de alunos da Unisuam – Educação Física, coreografados pela aluna Lucila Neves, realizou uma apresentação com um *pout-pourri* de canções que falam sobre a Cidade Maravilhosa. Entre uma música e outra, a troca de roupas deu brilhantismo ao espetáculo.



W Brasil (Jorge Benjor)
Turma: 1.501



Música escrita quando o compositor e cantor Jorge Benjor realizou um *show* na Festa de Final de Ano da Agência W BRASIL, em 1990. Entre uma música e outra, entoava o "Alô, alô W Brasil". O refrão "pegou" e dias depois Jorge Benjor compôs a música inteira, falando um pouco do Rio de Janeiro e sobre o cotidiano de morar na Cidade Maravilhosa. O choque cultural dessa música abriu as portas para muita coisa boa que aconteceu posteriormente e se reflete na música popular até hoje.



Com um balde d'água, copo descartável e uma bolinha de plástico, os estudantes precisavam concluir a etapa que envolvia corrida e concentração



De acordo com a coordenadora pedagógica Cintia Coutinho, o critério para as escolhas musicais se deu através de pesquisa, na qual foi oferecida aos professores a coletânea de canções que citavam a cidade do Rio de Janeiro. Elas foram apresentadas aos alunos, que escolheram aquela que deveria ser trabalhada. Já o processo de construção da coreografia foi definido de acordo com a letra de cada música respeitando o perfil da turma.

Para a diretora Silvia Neves, o aniversário do Rio de Janeiro em 2015 foi o momento de reverenciar as pessoas que fizeram e fazem desta cidade um dos lugares mais adorados do planeta. Participar de um projeto cultural faz a comunidade escolar se sentir um personagem da história. "A natureza exuberante contribui bastante, mas o que torna o Rio tão singular é todo o repertório histórico, artístico-cultural e paisagístico construído ao longo desses quatro séculos e meio, além, sobretudo, do jeito de ser e de viver do carioca. Precisamos resgatar em nossa comunidade o amor, a tolerância, a identidade, aprendendo a gostar, conhecer, cuidar, amar nossa cidade. Milhões de pessoas moram e trabalham aqui, e não há um só dia em que não escutamos falar do Rio. Então por que não conhecê-lo, reverenciá-lo e comemorar seu aniversário?

O jogo para quem é apaixonado pelo Rio

Desafio Carioca é um inédito jogo sobre o Rio de Janeiro, que pode ser disputado por até 6 cariocas ou apaixonados pela cidade. O tabuleiro é um descontraído mapa, onde estão retratados 20 cartões-postais, 10 praias e 6 regiões (Centro, Tijuca, Barra e zonas Sul, Norte e Oeste).

Para vencer, você precisa visitar três cartões-postais, ir a uma praia e cruzar de um ponto a outro da cidade. Mas não basta apostar na sorte. Durante todo o percurso, perguntas sobre seis temas diferentes desafiam seus conhecimentos. Quanto mais acertar, mais você se dá bem e segue em frente.

Enquanto circula pelo Rio para cumprir seu desafio, você pode ficar preso em engarrafamentos, que são cada vez mais comuns. Uma solução é pegar o metrô para chegar mais rápido a algum lugar. Ou entrar num botequim, pedir um chope e relaxar!

Fonte: desafiocarioca.com.br



Afinal de contas, são 450 anos de muita beleza. Parafraseando Gilberto Gil, na música 'Aquele abraço', 'o Rio de Janeiro continua lindo'", enaltece Sílvia.

Colaboração: Richard Günter

Escola Municipal Luís Carlos da Fonseca
Rua Leopoldino de Oliveira, 51 – Madureira –
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21360-060
Tel.: (21) 3457-3496
E-mail: emluisf@rioeduca.net
Coordenadores do Projeto: Sílvia Neves, Cris-
tiane Castro e Cintia Coutinho
Fotos: Comunicação



No Mundo das Ciências

Escola desenvolve trabalho pedagógico que estimula a utilização da metodologia científica desde a Educação Infantil

Marcela Figueiredo

Durante todo o ano letivo, a Nosso Espaço Creche Escola desenvolve um trabalho pedagógico que tem como objetivo aproximar os alunos do universo científico. Em sala de aula, os professores utilizam um material desenvolvido especialmente para que os estudantes realizem os procedimentos utilizados pelas Ciências, como a observação, a investigação e a experimentação.

“O material que utilizamos na escola possibilita que o conteúdo seja trabalhado de forma concreta. Apresentamos uma situação-problema aos alunos e estimulamos o levantamento de hipóteses, realização de experimentos, análise de resultados e registro de conclusões. Dessa forma, o conhecimento é internalizado pelos educandos e eles não ficam limitados a decorar fórmulas”, explica Aline Braga, professora do Ensino Fundamental.

A metodologia de pesquisa é ensinada aos estudantes da Nosso Espaço Creche Escola desde a Educação Infantil. Nesta fase escolar, o ensino de Ciências é feito de maneira interdisciplinar, incorporando os conteúdos de Matemática e Língua Portuguesa aos experimentos científicos. Assim, quando os alunos estudam a criação do universo ou os seres vivos, por exemplo, eles aprendem também sobre volume, peso e massa; desenvolvem a leitura ao pesquisar sobre o nome dos planetas; e aprimoram a escrita ao criar frases com o nome de animais. Além disso, aprendem a utilizar equipamentos como balanças, microscópios e lupas.

“Desde a Educação Infantil, procuramos despertar nos alunos o interesse pelos temas científicos. Trabalhamos com a metodologia de pesquisa desde a seleção do tema até a



A culminância do projeto acontece na Feira de Ciências, onde os alunos colocam em prática o conteúdo aprendido durante o ano letivo

apresentação das conclusões: orientamos na escolha dos materiais, estimulamos o levantamento de hipóteses, ajudamos na escolha das fontes e reunimos todas as informações em um bloco. No final do trabalho, colocamos os resultados das pesquisas em um cartaz, que é exposto durante a Feira de Ciências realizada pela escola”, relata Roberta Corrêa, professora da Educação Infantil.

Ao longo do ano, como complemento ao trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula, a escola realiza aulas passeio de acordo com o tema que os alunos estão estudando. As turmas que pesquisaram sobre dinossauros e vida marinha, por exemplo, fizeram uma visita guiada ao Museu Nacional, o maior no ramo de história natural e antropológica da América Latina. Da mesma forma, a turma que estudou a formação do universo teve a oportunidade de visitar o Museu de Astronomia.

“Aqui na Nosso Espaço, as aulas passeio são feitas com a intenção de aprofundar os estudos iniciados em sala de aula. Todos os eventos mantêm uma função pedagógica e as atividades são propostas de acordo com o conteúdo curricular de cada série. Na maioria das vezes solicitamos a presença de um guia para que os alunos possam absorver o máximo de conhecimento que o espaço visitado pode proporcionar”, esclarece Maria do Carmo Tenório, diretora da instituição de ensino.

A culminância do projeto institucional acontece na Feira de Ciências. Na ocasião, os responsáveis têm acesso ao material utilizado em sala de aula pelos alunos e conseguem visualizar o resultado do trabalho desenvolvido pela escola ao longo do

ano letivo. Durante o evento, os estudantes expõem os temas das pesquisas e apresentam os resultados aos visitantes.

“É evidente a evolução dos alunos durante o processo de trabalho. Eles começam a prestar atenção nos noticiários e enriquecem o vocabulário. A gente nota o orgulho deles ao apresentar o resultado das pesquisas e em perceber que o seu esforço está sendo reconhecido pelos pais e educadores”, ressalta Roberta.

Segundo a educadora Aline Braga, o trabalho desenvolvido pela escola ao longo do ano, além de despertar o interesse dos alunos para temas relacionados ao universo científico, desfaz o mito de que estudar é decorar conteúdo: “A Feira é o resultado de um ano de trabalho e uma oportunidade para que os pais constatem a realização dos objetivos traçados pela escola no início do ano. Ao ver seus filhos dominando o tema proposto, eles percebem que os estudantes de fato aprenderam utilizando métodos científicos”, destaca a educadora.

Nosso Espaço Creche Escola
 Rua Coronel Tedin, 211 – Pechincha
 Rio de Janeiro/RJ
 CEP: 22740-240
 Tel.: (21) 3392-1352
 E-mail: direcao@nossoespacocrecheescola.com.br
 Direção: Maria do Carmo Tenório Rocha
 Fotos cedidas pela escola



Decidindo o futuro sem depender da sorte

Projeto amplia a visão dos alunos acerca da realidade do mercado de trabalho



“Quero fazer engenharia, me dou bem com cálculos!”, “Eu gosto de animais, quero ser veterinária!”, “E eu quero ser diretor de cinema!”, dizem os estudantes à flor da pele prestes a concluir o ciclo acadêmico. Um dos momentos mais importantes para os jovens do Ensino Médio é exatamente o término colegial. O aluno encerra suas obrigações escolares, e agora é hora de pensar no futuro. Porém, a escolha da graduação nem sempre é tão simples quanto parece. No atual mundo do trabalho, existe uma grande variedade de profissões, o que torna a opção pela carreira a seguir um processo desgastante, que pode causar decepções e frustrações. Nesse mundo fluido e de alternativas variadas, o jovem é influenciado por modismos, dificuldades do mercado, opiniões de familiares e outros fatores que culminam em escolhas erradas para a vida profissional. Eis que surgem as indagações: “Aonde vou trabalhar? Quanto vou ganhar? Vou conseguir realizar meus sonhos?”. Cabe, então, ao professor dar suporte aos alunos, explanando sobre a diversidade existente no mundo universitário. É preciso que os estudantes saiam do terceiro ano conscientes do que enfrentarão ao iniciarem um curso superior.

Para isso, existe o projeto *Orientação Vocacional* que é o processo de auxílio ao estudante destinado a conseguir um entendimento adequado das variações profissionais, optando por aquela que esteja mais de acordo com os interesses e intuítos pessoais. O objetivo é dar sustentação ao desenvolvimento dos estudantes de forma individual,

através de uma série de tarefas feitas para potencializar o aprendizado escolar, estimulando a autonomia e respondendo aos problemas pessoais e sociais que retêm a evolução de cada um. Ainda que essas atividades sejam desenvolvidas por pedagogos ou psicólogos, a orientação é uma prática conjunta que necessita da participação de professores, pais, diretores e outros especialistas. Ressalta-se, ainda, que não é papel da orientação vocacional dizer ao estudante qual a carreira certa a escolher, mas sim orientá-lo, observando suas características, potencialidades, dificuldades, interesses, personalidades e aspectos importantes para uma futura profissão. Afinal, este projeto serve não apenas para se ter um norte sobre o campo profissional a seguir, mas também como uma oportunidade de autoconhecimento, de alinhamento entre habilidades, características pessoais e profissionais, do significado do trabalho para o ser humano e da relação trabalho *versus* projeto de vida.

A valorização é outra função da orientação vocacional. São propostos determinados testes para se obter o êxito acadêmico, identificar aptidões individuais, descobrir os interesses profissionais e analisar os traços pessoais. Os testes são também utilizados para identificar os estudantes com maior facilidade de aprendizado, como também aqueles que apresentam dificuldade nesse sentido, caso específico em que são realizadas mudanças necessárias no ensino para o pleno desenvolvimento do aluno. Outros serviços englobam programas que facilitam o conhecimento das alternativas existentes, os programas de atividades sociais e possibilidades laborais. Os orientadores trabalham com os professores

e as famílias coordenando esforços para ajudar a resolver os problemas específicos dos estudantes.

Dentro desses parâmetros, instituições têm contribuído com o desenvolvimento profissional do seu corpo discente. A Escola Municipal Professor Paulo Silva, localizada em Inhoaíba, Zona Oeste do Rio, realizou o projeto *Fui aluno da Escola Pública e hoje sou um sucesso!*, que promoveu palestras motivacionais com foco na autoestima e vocação profissional dos estudantes. Para esses eventos, foram convidados ex-alunos de escolas públicas, como Rodrigo da Silva Farias, técnico em Enfermagem do Corpo de Bombeiros; Camila Silva, produtora e jornalista da Globo News; e Luciano Ribeiro Canêdo, Capitão da Marinha do Brasil. O objetivo foi despertar as tendências de cada um, bem como expandir o conhecimento dos alunos em relação aos diversos ofícios e ao mercado de trabalho, através de modelos bem-sucedidos de profissionais oriundos da rede pública de ensino.

Com o objetivo de promover perspectivas de um futuro promissor para os alunos, o Colégio Estadual Jorge Zarur, localizado em Vila Kennedy, realizou um teste vocacional com as turmas de Ensino Médio. A iniciativa partiu da professora Marivalda Moreira, com o apoio do analista de RH e especialista em liderança e *coaching* de carreira Vagner Moraes. A intenção foi investir em ações promotoras de conhecimento para a escolha de uma profissão e a inclusão dos alunos em universidades. O teste apresentou aos estudantes não somente

... faz parte das estratégias do Plano Nacional de Educação 2014/2024 fomentar a expansão das matrículas gratuitas de Ensino Médio integrado à educação profissional. Isso significa que as escolas precisam ter conteúdos cada vez mais próximos ao mundo do trabalho.

sugestões de carreiras já conhecidas, como também informações sobre outras oportunidades pouco divulgadas. De acordo com a coordenadora, a atividade foi praticada por meio de um teste psicológico com perguntas e respostas, através de alternativas. "Foram transmitidas aos nossos alunos não só uma sugestão de carreira, como também a abertura de tantas outras a que não tinham acesso, o que os levou a perceber a importância de um perfil pessoal para a melhor escolha da profissão para um futuro

de sucesso", ratifica Marivalda. Os estudantes da Estadual Jorge Zarur também fizeram uma visita à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde, através de palestras com acompanhamento de profissionais

qualificados da própria instituição, puderam conhecer o *campus*, bem como as vias de ingresso, possíveis carreiras e ouvir depoimentos de alunos que já lá estudaram e como foi essa jornada. Para a professora coordenadora do projeto, "Um futuro profissional brilhante e transformador é possível a todos que acreditam em educação", finaliza Marivalda.

Já os alunos da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual Pedro Álvares Cabral, localizado em Copacabana, Zona Sul do Rio, participaram do evento "Vivenciando UVA", da Universidade Veiga de Almeida, para conhecerem os cursos que a instituição oferece. A visita foi coordenada pela orientadora educacional Maria Helena Taveira, que

Para Arlindo Cardaretti Vianna (esq.), Presidente da Universidade Veiga de Almeida, e Eugênio Cunha, psicopedagogo e mestre em educação, a tecnologia é um mecanismo que favorece o aluno que procura saber sobre as profissões



Os alunos do Colégio Estadual Jorge Zarur participaram do projeto promovido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro para compreender o que acontece na vida acadêmica

também atua nas ações do projeto *#PartiuUniversidade* e do programa de orientação para o Exame Nacional do Ensino Médio 2015. Para o diretor-geral do Cepac, Francisco da Silva Gomes Júnior, a participação dos estudantes foi importante devido às avaliações do Enem. "Este exame é um desafio para o qual os nossos alunos precisam estar preparados. Por isso, a participação em projetos como esse é interessante", ressalta o diretor. Já a coordenadora acredita que a visita possa efetivamente orientar a escolha do curso superior dos alunos. "Após a divulgação das notas, eles terão que escolher um curso superior, e o projeto contribui muito para isso, tanto para a decisão quanto para sentirem o ambiente acadêmico", enaltece Taveira. A aluna Gabriela Paiva de Oliveira, da turma 3.005, ficou muito contente em poder integrar a atividade. "Participar e ter a experiência de vivenciar uma grande universidade foi muito interessante. O desafio agora é escolher um curso", revela a estudante.

Voltado, especialmente, para os alunos de Ensino Médio, o projeto *Vivenciando UVA*, da Universidade Veiga de Almeida, procura complementar as ações desenvolvidas nas

escolas, abrindo as portas de instituições de ensino superior para que os alunos possam sentir, observar e interagir com o ambiente universitário. Os estudantes conhecem laboratórios e a estrutura da instituição, participam de palestras interativas com professores de cursos ministrados na UVA e conversam sobre o mercado de trabalho, esclarecendo suas dúvidas sobre as diferentes profissões das quatro áreas de conhecimento: Tecnológica, Saúde, Humanas e Social. Através de um contato mais direto e real com o mundo universitário, pretende-se proporcionar uma melhor adaptação do aluno a este ambiente, na medida em que oportuniza a exploração de laboratórios e clínicas da instituição, viabilizando uma boa escolha de um curso superior.

Para o Presidente da UVA, Arlindo Cardarett Vianna, a tomada dessa decisão na adolescência é um desafio enorme para os jovens. Com o intuito de minimizar esse problema, os jovens recorrem a informações sobre os cursos existentes, consultando muitas páginas na internet, utilizando testes vocacionais, conversando com amigos (a rede virtual em que cada um está inserido geralmente é muito grande), além de

Para sentirem o ambiente da faculdade, os alunos do Colégio Estadual Pedro Álvares Cabral foram à UVA onde esclareceram dúvidas sobre as diferentes profissões





Testes vocacionais e palestras com ex-estudantes, atualmente formados e inseridos no mercado de trabalho, também colaboraram para promover perspectivas de um futuro promissor os alunos

atividades tradicionais – tais como testes vocacionais ou o compartilhamento de informações sobre carreiras, profissões, mercado de trabalho e tudo mais, por meio de seminários, oficinas, debates e entrevistas com profissionais especializados – costumam também ser eficazes. “É uma necessidade na sociedade contemporânea que os currículos das escolas públicas e particulares abordem essa temática. Além disso, faz parte das estratégias do Plano Nacional de Educação 2014/2024 fomentar a expansão das matrículas gratuitas de Ensino Médio integrado à educação profissional.

Isso significa que as escolas precisam ter conteúdos cada vez mais próximos ao mundo do trabalho”, esclarece Eugênio. Quando nossa pergunta é referente a indicações de obras para o professor trabalhar esse assunto em sala de aula, o educador é enfático: “O banco de dados do Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), que é um portal de revistas brasileiras que organiza e publica textos acadêmicos completos, é uma opção interessante, principalmente porque o professor poderá compartilhar as publicações com seus alunos. O *site* indexa e publica, com livre acesso na internet, textos de diversos periódicos científicos de distintas áreas do conhecimento”, finaliza.

Colaboração: Richard Günter

contarem com todo o apoio familiar. “O Sistema Educacional Brasileiro faz com que milhares de jovens, com idade média de 17 anos, tenham que escolher um curso superior e consequentemente a sua profissão. A UVA com o objetivo de contribuir nessa escolha criou o projeto com a finalidade de dissipar dúvidas e somar conhecimentos para uma decisão relativa à carreira a ser abraçada. Isso ocorre através da vivência de um dia na universidade”, enfatiza Cardarett.

Mas, afinal, como o professor pode trabalhar metodologicamente com uma turma que está prestes a entrar na universidade? Durante uma entrevista exclusiva à Revista Appai Educar, o psicopedagogo e mestre em educação Eugênio Cunha revela que, além das diversas sugestões existentes na internet, as

Escola Municipal Professor Paulo Silva
Rua Jario Corrêa, s/nº – Inhoaíba
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23059-270
Tel.: (21) 3394-1875
E-mail: empsilva@rioeduca.net
Coordenadores: Adriana do Rosário, Thiago Lorena e Éder Venâncio
Fotos cedidas pela escola

Colégio Estadual Jorge Zarur
Rua Edmo Zarife, s/nº – Bangu
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21853-065
Tel.: (21) 3467-1085
E-mail: cejorgezarur@gmail.com
Coordenadora: Marivalda Moreira
Fotos cedidas pela escola

Colégio Estadual Pedro Álvares Cabral
Rua República do Peru, 104 – Copacabana
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22021-040
Tel.: (21) 2332-7959
E-mail: cepedroalvarescabral@educacao.rj.gov.br
Coordenadora: Maria Helena Taveira
Fotos cedidas pela escola



Ciep Intercultural, projeto-piloto dá frutos premiados

Sandra Martins

A união entre uma proposta pedagógica inovadora de um colégio intercultural que trabalha a interdisciplinaridade de forma integrada, onde todas as disciplinas dialogam, e a criatividade em prol do protagonismo do estudante só pode trazer excelentes desempenhos. A unidade escolar é o Ciep 449 Governador Leonel de Moura Brizola (Intercultural Brasil – França), em Niterói. A ponta do *iceberg* dos êxitos em disputas foi a conquista do terceiro lugar no concurso cultural de produção de vídeos “Eu quero estudar na França”. A iniciativa foi promovida pelo Campus France Brasil, do Consulado-geral da França no Rio de Janeiro.

Com o *rap* La Madame de Bovary, Lucas do Amaral Alves, Rogério Souza da Silveira Junior e Natan Souza Siqueira conquistaram o 3º lugar no concurso cultural de produção de vídeos. Eles ganharam assinatura de um ano para acesso à plataforma *Culturethèque*, biblioteca digital francesa, além de brindes oferecidos pelo consulado francês.

Outro exemplo de bom desempenho são as avaliações externas do Diploma de Estudos em Língua Francesa (Delf) expedido pelo ministério francês da Educação nacional,

para certificar as competências no idioma dos candidatos estrangeiros e dos franceses originários de um país não francófono e não titulares de um diploma de ensino secundário ou superior público francês. Na avaliação de 2014, todos os alunos do Ciep 449 foram aprovados nos níveis A1 e A2. A próxima etapa será o exame para os níveis B1 e B2.

Em outro concurso, esse da Petrobras sobre o Pré-Sal, os professores de Química e Física repassaram importantes informações aos seus alunos. O docente de Sociologia Cícero Tauil lembra que Lucas do Amaral foi um dos premiados, ficando em primeiro lugar. A proposta do concurso era a de construir uma obra de arte, uma maquete, e tinha que explicar a questão de Pré-sal. Lucas ficou em primeiro lugar e falou para engenheiros o que era essa reserva brasileira de combustíveis fósseis. “A francofonia é uma atividade do consulado que envolve todas as escolas que têm o francês mais dedicado. Tiramos o primeiro lugar com a música e uma apresentação no segundo lugar. Este ano ganhamos tudo”, disse o orgulhoso professor.

O envolvimento dos estudantes fica evidenciado com o bom rendimento na apreensão do francês. No primeiro bi-





O aluno da equipe premiada, Lucas do Amaral, entre os professores Cícero Tauil (esquerda), Fabiana Ferreira Braga e Leonardo Ribeiro (direita)

mestre, no ano de entrada no colégio, os alunos participaram de um concurso de francofonia com outras unidades escolares, como o Colégio Pedro II. Conquistaram premiações nos dois eventos. De acordo com Cícero Tauil, professor de Sociologia, o empenho dos corpos docente e discente é muito grande, e brincando sugere que fiquem como *hors concours*, “nós ganharemos mesmo.”

Segundo a diretora-geral Jane Silva Chagas, o sucesso é fruto da própria proposta do projeto-piloto do colégio intercultural, cujo foco é o aluno. O conteúdo é integrado e os professores podem explorá-los de várias formas, seguir

a base nacional comum e outras específicas, como o Ateliê Científico (laboratórios de Biologia), o Núcleo de Integração Linguística e Projeto de Vida e Cultura (onde exploram cultura e literatura francesa e brasileira), além de atividades lúdicas e criativas. A carga horária é de 30 horas dentro da escola, 12 em sala de aula, 8 em projeto integrado e 10 no planejamento. E todas as disciplinas trazem algo em torno de 10% de conteúdo em francês – questões de prova, recepção do aluno, etc.

Graduada em Letras Português e Francês na UFRJ, a professora Fabiana Ferreira Braga buscou um diálogo entre





as literaturas brasileira e francesa traçando um paralelo. Disponibilizou documentos autênticos e originais no idioma estrangeiro para que pudessem ser retirados trechos de poemas e sonetos usados no trabalho sobre o Romantismo em suas três fases. Na primeira geração, eles estudaram *Les documents autentique, os documentos autênticos, Rousseau e Voltaire*.

A proposta inicial foi analisar o currículo mínimo brasileiro e compará-lo com o *Lycée Français*, o Ensino Médio do país europeu. Ela observou as consonâncias e como algumas obras, expoentes das letras nacionais, foram influenciadas pelo autor ou obra da literatura francesa. Eles começaram a fazer inferências com o que conseguem dominar da língua, empregando o que tinham como repertório.

"Este trabalho foi importante para que os alunos pudessem ver de várias maneiras como os poetas e filósofos franceses influenciavam os brasileiros", afirmou Fabiana. O trabalho foi dividido em três grupos. O primeiro ficou com o Indianismo, onde se focava a natureza e o protagonismo do herói nacional. Para a realização do trabalho foram buscados textos autênticos de Montaigne, Rousseau e Voltaire. O segundo grupo ficou com o "Mal do Século", que enfatizava a discussão, a erudição, e, para ilustrar o tema, foi promovido um diálogo entre duas importantes obras: *Lucíola* e *Dama das Camélias*. O terceiro grupo ficou com o Condoreirismo, a crítica à sociedade, e expôs a influência em Castro Alves da obra de Vitor Hugo.

Utilizando-se de vídeos e realizando debates, a professora estimulava os alunos a refletir levantando questionamentos como: "Vocês acham que a sociedade atual ainda discrimina mulheres?" ou "Quem são protagonistas dos livros, como Marguerite e Lucíola?". Os estudantes também começaram a relacionar os fragmentos das duas obras. Perceberam que, mesmo estando no século XXI, as

mulheres ainda sofrem discriminações. Para o segundo grupo e segunda geração, foi trabalhado o romance "Madame Bovary", que marcou a virada do século. A professora disse que todas essas teorias e discussões seriam abordadas em um seminário para o qual eles próprios deveriam escolher a forma de apresentação. Os que propuseram uma leitura mais detalhada do romance escolheram o *rap*, por exemplo.

Após assistir à apresentação de encerramento do projeto, o professor de Sociologia Cícero Tauil – que fez mestrado na França e está sempre em contato com as instituições que oferecem oportunidades para estudantes de língua francesa – percebeu que a atividade tinha potencial para concorrer. Daí houve um consenso pela criação do vídeo. Um grupo de professores ajudou na produção. O cenário ficou a cargo de Robson Martins (Artes), a gravação foi realizada por Naiara Fraga (Artes e Projeto de Vida e Cultura) e a edição coube a Leonardo Ribeiro (Filosofia). O professor Cícero, que recebe publicações daquele país, viu matéria sobre o concurso, pesquisou sobre critérios exigidos e apontou aqueles em que seus alunos não se enquadravam. Mas, mesmo assim, pediu que preparassem o material e, com uma boa supervisão, desenvolveram o roteiro.

Ciep 449 Governador Leonel de Moura
Brizola (Intercultural Brasil-França)
Rua Carlos Ermelindo Marins, s/nº
Charitas – Niterói/RJ
CEP: 24370-195
Tel.: (21) 2705-5781
E-mail: cie449@gmail.com
Diretora-geral: Jane Silva Chagas
Fotos cedidas pela escola



Bem-vindos ao Copacabana Palace

Uma das experiências mais luxuosas e ricas historicamente. Foi assim que os alunos do Colégio Estadual Pedro Álvares Cabral definiram o passeio que os levou até o Hotel Belmond Copacabana Palace, na orla da Zona Sul do Rio de Janeiro. A ação fez parte do projeto *Bem-vindos ao Copacabana Palace*, promovido anualmente pelo estabelecimento para convidar escolas públicas a visitarem as acomodações do local.

A iniciativa da diretora adjunta Valéria David Immediato proporcionou aos estudantes o conhecimento da história do hotel, que se tornou conhecido na cidade a partir da década de 1920, quando foi atendida a solicitação do então Presidente Epitácio Pessoa, que desejava um grande hotel de turismo na ainda capital do país, para ajudar a hospedar o grande número de visitantes esperados para a Exposição do Centenário da Independência do Brasil, um evento de dimensões internacionais a ser realizado na esplanada do Castelo, em 1922. Assim, foi organizada uma retrospectiva desde a sua construção até os dias atuais. Segundo Francisco da Silva Gomes Júnior, diretor-geral da unidade escolar, os alunos ficaram encantados com a visita. "Este é um dos hotéis mais importantes do Brasil e estar no mesmo local onde diversas autoridades e celebridades estiveram foi encantador", declarou.

O estabelecimento é bastante conhecido em todo o Brasil por hospedar pessoas de fama internacional que visitam a cidade do Rio de Janeiro, bem como por nele

serem realizados alguns dos mais badalados eventos do país, o que faz com que apareça frequentemente nas mais renomadas publicações e em colunas sociais. O hotel já foi eleito diversas vezes como o melhor da América do Sul, tal como ocorreu em uma votação realizada em 2009 pela *World Travel Award*, um dos mais importantes prêmios mundiais de turismo. Embasados nesse conhecimento, os alunos também receberam instruções sobre o mercado de trabalho em hotelaria.

O aluno William Bandeira Senhorinho Vieira, da 3ª série do Ensino Médio, após a visita ficou bastante interessado na possibilidade de atuar nesse ramo. "Meu pai trabalha em uma rede hoteleira da região, e sabemos que o Copacabana Palace é muito importante para a cidade, principalmente com a proximidade dos Jogos Olímpicos Rio 2016", comentou.

Colaboração: Richard Günter

Colégio Estadual Pedro Álvares Cabral
Rua República do Peru, 104 – Copacabana
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22021-040
Tel.: (21) 2332-7959
E-mail: cepedroalvarescabral@educacao.rj.gov.br
Coordenadores: Francisco da Silva Gomes
Junior e Valéria David Immediato
Fotos cedidas pela escola



Vozes e olhares

Marcela Figueiredo



"Meu silêncio grita, meu olhar entrega, mas ninguém percebe."

- Renato Russo

Educador utiliza fotografia e produção textual para dar voz aos alunos e promover uma transformação no olhar colocado sobre eles

“Ao chegar à escola, encontro um ambiente muito fragmentado, uma comunidade escolar completamente dispersa, com os segmentos que a constituíam literalmente posicionados em campos opostos, sem uma real comunicação. Noto então o enorme desafio que estava posto: transformar esta comunidade escolar em uma unidade, em uma equipe, que compartilhasse objetivos e estabelecesse integração entre si, resultando em um espaço acolhedor, afetivo e propício à construção de conhecimentos”.

O relato acima foi dado por Monica de Azevedo, que há três anos assumiu o cargo de diretora do Colégio Estadual Rubens Farrulla, localizado na Baixada Fluminense. Apesar do cenário polarizado descrito por ela, a educadora tinha o objetivo de colaborar para a transformação positiva daquele contexto e fazer a diferença no cotidiano dos que compõem a comunidade escolar. No primeiro momento, a diretora traçou metas e adotou ações que fossem ao encontro dos seus objetivos. O desenvolvimento de projetos pedagógicos

foi a estratégia escolhida para fazer da escola um espaço integrado.

Faz parte do mesmo cenário o professor Thiago Santos, que há cinco anos leciona na Rubens Farrulla. Ele começou a fotografar sem compromisso e com o passar do tempo decidiu utilizar sua produção como meio para propor um novo olhar sobre o aluno. O tema de uma das conversas entre diretora e professor foi a distância existente entre docentes e discentes e a vontade que ambos tinham de provocar no educador um olhar sobre o estudante sem valores preconcebidos. Assim surgiu a *Exposição Vozes 2015*, um projeto fotográfico utilizado como estratégia de sensibilização e integração da comunidade escolar.

“Meu objetivo com a exposição foi quebrar estereótipos. Queria dar voz ao aluno para ele poder mostrar o que realmente é e não apenas se submeter à visão que o outro construiu sobre ele. A ideia foi romper com a noção que existe sobre o estudante de escola pública, que muitas vezes é o de um indivíduo marginalizado, mal-educado, feio, que



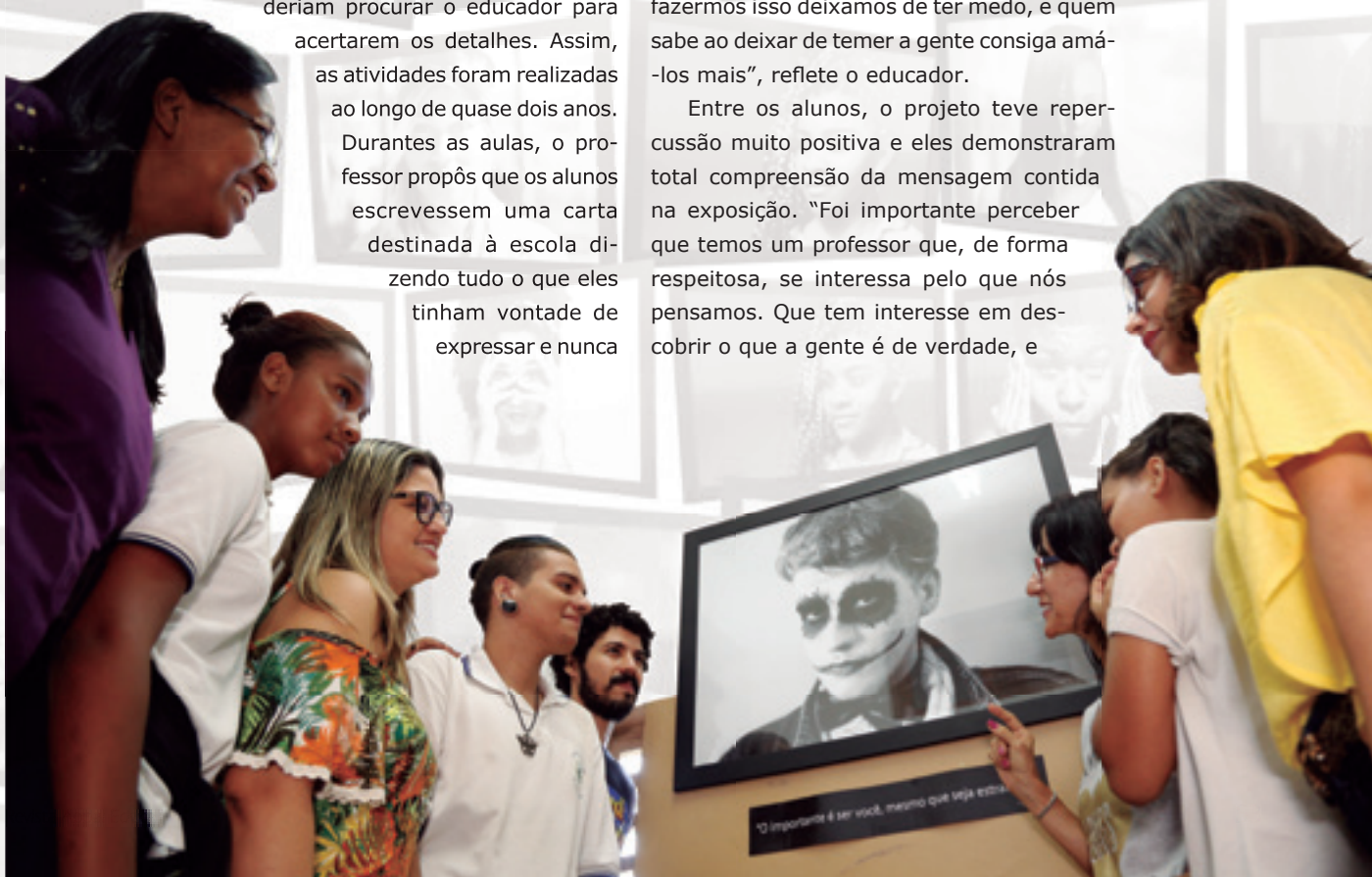
não gosta de estudar, que não tem cultura... O objetivo foi o de representar a diversidade de valores, de riqueza e de beleza que existe dentro da escola pública. O projeto é também uma forma de levantar a estima dos alunos, oferecendo a oportunidade de eles se reconhecerem de outra forma”, explica o professor.

No início, Thiago sentava no pátio da escola com a câmera na mão e logo surgiam os primeiros interessados em saber o que o professor estava fazendo. Depois começou a falar sobre a sua ideia com as turmas em que lecionava e com alguns alunos que considerava interessante incluir no projeto. Aqueles que gostariam de ser fotografados poderiam procurar o educador para acertarem os detalhes. Assim, as atividades foram realizadas ao longo de quase dois anos. Durante as aulas, o professor propôs que os alunos escrevessem uma carta destinada à escola dizendo tudo o que eles tinham vontade de expressar e nunca

puderam. No final do texto, eles deveriam dedicar uma música para a instituição. Desse material foram retirados trechos para serem as legendas das fotos. Dessa forma, o professor conseguiu fazer com que um maior número de alunos estivesse representado no projeto.

Cerca de duas mil cartas foram escritas tendo a escola como destinatária. Dentre as colocações dos estudantes estavam o desejo de uma infraestrutura melhor e de mais manifestações de afeto. “Os alunos sentem falta de um olhar que julgue menos e tente entender mais. Buscam uma demonstração de interesse. Talvez a gente tenha que ser mais curioso para tentar compreendê-los. Ao fazermos isso deixamos de ter medo, e quem sabe ao deixar de temer a gente consiga amá-los mais”, reflete o educador.

Entre os alunos, o projeto teve repercussão muito positiva e eles demonstraram total compreensão da mensagem contida na exposição. “Foi importante perceber que temos um professor que, de forma respeitosa, se interessa pelo que nós pensamos. Que tem interesse em descobrir o que a gente é de verdade, e



isso ficou evidente através das fotos”, declara Ingrid Nunes, estudante do segundo ano do Ensino Médio.

Na mesma linha de pensamento está Karen Rodrigues: “Até o início desse projeto, as pessoas não demonstravam interesse pelos alunos, nem mesmo boa vontade para entender o que a gente pensa. Agora estão mudando um pouco, pois a foto, aliada à legenda, conseguiu demonstrar nossos sentimentos”.

Teve estudante que se assustou ao ver as imagens ampliadas expostas pelo colégio. “Eu não esperava chegar à escola e ver as fotos dos alunos espalhadas pelos corredores. Quando soube do projeto, pensei que as colocariam pequenas na parede da sala dos professores. Nós estamos acostumados com pessoas famosas sendo mostradas. Ver a imagem de nós mesmos e de forma tão bonita foi uma surpresa pra todo mundo” revela William Libório.

As declarações dadas tanto pelos alunos quanto pelos educadores revelam o desejo de uma modificação no panorama atual. Todos manifestaram o desejo de uma escola onde os jovens sejam mais bem compreendidos e onde todos percebam o quanto a participação de cada um é importante para a integração da comunidade escolar. Com o *Projeto Vozes 2015* a escola deu o pontapé inicial na transformação desse cenário.



Colégio Estadual Rubens Farrulla
Av. Plácido Figueiredo Júnior, s/nº
Vila Rosali – São João de Meriti/RJ
CEP: 25555-150
Tel.: (21) 3755-1547
E-mail: cerfarrulla@msn.com
Diretora: Monica Tadeu Neves de Azevedo
Fotos: Marcelo Ávila



Os aplicativos educacionais estão em alta

Hoje em dia já existem diversos aplicativos voltados para a educação, além de muitos jogos já terem sido desenvolvidos utilizando a técnica de gamificação para ensinar de um jeito mais descontraído. Isso sem contar que também já há empresas, especializadas em *softwares* para a área da educação, que possibilitam o controle de cronogramas, a entrega de atividades e a disponibilização de conteúdos extraclasse, por exemplo.

A moral da história é que existe toda uma linha de produtos tecnológicos voltados para a educação, que não só pode como deve ser aproveitada por professores a fim de proporcionar aos alunos novas formas de aprender. O *Google*, por exemplo, que já é considerado uma importante ferramenta de auxílio aos estudantes, possui uma linha de aplicativos totalmente voltada para o ensino, chamada *Google for Education*. A plataforma, além de contar com a garantia de qualidade dessa gigante das buscas *on-line*, ainda é capaz de se integrar aos dispositivos móveis.

O uso do celular na sala de aula sempre foi proibido e muito malvisto pela maioria dos professores, como se pôde constatar em matérias publicadas em outras edições da Revista Appai Educar. Porém, atualmente, o aparelho deixou de ser apenas um mecanismo de distração para o aluno e passou a figurar como um recurso novo, que, quando bem utilizado, pode auxiliar no processo de aprendizagem.

Utilizar a tecnologia como uma ferramenta de apoio à educação pode ser uma estratégia bem produtiva para os estudantes, uma vez que eles normalmente adoram celulares, *tablets*, computadores e outros diversos aparatos tecnológicos, tanto que esses *gadgets* estão sempre presentes em seu dia a dia. Assim, o fato de poderem usar esses recursos para o estudo pode aumentar a motivação e, conseqüentemente, o engajamento da turma na sala de aula.

Nesse novo cenário, professores e alunos podem compartilhar materiais de estudo, encontrando na internet vídeos e artigos interessantes para servirem de referência e auxiliar em determinadas tarefas. E os estudantes também podem tirar dúvidas uns com os outros por meio de mensagens instantâneas ou grupos de discussão.

A união entre a tecnologia e a educação já é ou não uma realidade? É hora, então, de incentivar as escolas e os professores a considerarem o aparelho como um verdadeiro aliado da sala de aula, não acha? E você, professor, já implementou essa inovação com seus alunos? Envie um *e-mail* para o endereço redacao@appai.org.br e relate a sua experiência utilizando a tecnologia nas suas tarefas de educador.

**Acesse
[Google.com/edu](https://www.google.com/edu)**

Colaboração: Richard Günter



Dimensões do esporte e princípios socioeducativos

Saiba quais são e com quais objetivos os educadores de diferentes áreas do conhecimento podem utilizá-los durante as práticas pedagógicas

Marcela Figueiredo

Com a proximidade das Olimpíadas e estimulados ainda mais pelo fato de os Jogos acontecerem na cidade do Rio de Janeiro, é previsível que professores de diferentes disciplinas se sintam instigados a desenvolver atividades pedagógicas relacionando o conteúdo curricular aos princípios que norteiam o esporte. Ao longo de 2016, publicaremos uma série de reportagens especiais com foco no Esporte Educacional e nos Jogos Olímpicos.

Além da abordagem histórica e conceitual – foco desta primeira publicação – faremos reportagens sobre as práticas bem-sucedidas desenvolvidas por professores de diferentes disciplinas. Se você é educador e deseja dividir com outros profissionais a sua experiência entre em contato com a Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.

ESPORTE EDUCACIONAL, DE RENDIMENTO, DE PARTICIPAÇÃO E DE FORMAÇÃO. QUAIS AS DIFERENÇAS?

O esporte é um fenômeno cultural que nas últimas décadas tornou-se um direito garantido por lei. Na escola, o tema pode ser incorporado ao conteúdo curricular de diferentes áreas do conhecimento, e dentro de sua especificidade deve abordar os Temas Transversais. Segundo a legislação vigente no país (Lei nº 9.615/1998), o esporte pode ser reconhecido em quatro dimensões: educacional, de participação, de rendimento e de formação.

O “desporto educacional” é a dimensão praticada nos sistemas de ensino e em formas assistêmicas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes. Tem o objetivo de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer. Já o “desporto de participação” tem a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente.

A mesma lei define ainda que o “desporto de rendimento” é aquele praticado com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do país e estas com as de outras nações. Apesar de os objetivos de cada dimensão definidos por lei terem aspectos em comum, esta é a dimensão do esporte praticada nas competições com grande repercussão na mídia, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

Por fim, temos também o “desporto de formação”. Esta dimensão do esporte é caracterizada pelo fomento e aquisição inicial dos conhecimentos desportivos que garantam competência técnica na intervenção desportiva. Tem o objetivo de promover o aperfeiçoamento qualitativo e quantitativo da prática desportiva em termos recreativos, competitivos ou de alta competição.

ESPORTE, EDUCAÇÃO E OS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

O Estatuto da Criança e do Adolescente foi publicado no ano de 1990 e garante, entre outras coisas, o acesso à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional também deixa explícito que o conteúdo curricular da educação básica deve ter como uma de suas diretrizes a promoção do “desporto educacional” e apoio às práticas desportivas não-formais.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais para a área de Educação Física é possível verificar os princípios norteadores e os objetivos que devem ser alcançados em cada fase do ensino. Segundo o documento, o professor deve buscar meios para garantir a *vivência prática da experiência corporal*.

PRINCÍPIOS SOCIOEDUCATIVOS DO ESPORTE EDUCACIONAL: INCLUSÃO, PARTICIPAÇÃO, COOPERAÇÃO, COEDUCAÇÃO E CORRESPONSABILIDADE

Conforme definido pelo professor doutor Manoel Tubino, no “Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte”, o esporte educacional tem como referenciais princípios socioeducativos. De acordo com eles, todo educando deve ter acesso à aprendizagem que o esporte é capaz de propiciar; durante as práticas esportivas devem ser incentivadas vivências cooperativas entre os participantes; deve-se combater o preconceito e democratizar o acesso ao esporte; e fazer com que os integrantes se responsabilizem por suas decisões.

O esporte educacional não está limitado somente às práticas esportivas. Conforme descrito na página do Prêmio Petrobrás Esporte Educacional, ele é “uma manifestação do esporte com foco na inclusão social. Sua base é o processo de aprendizado e o desenvolvimento ‘integral’ do ser humano”. Nesse sentido, e para que seus objetivos pedagógicos sejam alcançados, as atividades devem ser planejadas e ter a intencionalidade de formar cidadãos.

No Brasil, alguns institutos atuam no sentido de capacitar profissionais de educação para a utilização da metodologia do esporte educacional. Na próxima edição, traremos informações sobre como é feita essa formação continuada e como os educadores de diferentes áreas do conhecimento podem fazer uso dessa dimensão do esporte. Até lá!



Jornalismo em ação

Despertar no aluno o interesse pela informação. Esse é um dos objetivos do projeto chamado *João Santos Souto News*, realizado pelos alunos do Colégio Estadual João Santos Souto em Japeri. O último bimestre foi marcado por atividades voltadas ao jornalismo, nas quais procurou-se aguçar a curiosidade e a criatividade do corpo discente. Leituras, pesquisas, arte, recortes, colagens e montagens deram origem a um tabloide, com informações e novidades sobre diversos temas, como segurança pública, saúde, educação, esporte e moda.

Produzido completamente pelos alunos, o informativo, que teve a orientação dos professores Evani Brito, Daniele Tinoco, Robson Mello e Sheila Silveira, promove um eixo para trazer a realidade cotidiana dos estudantes para o currículo escolar, visando obter resultados alentadores.

Para os professores, esse é um projeto muito positivo, que tem dado bons frutos à escola, pois oportuniza desenvolver um trabalho a partir das próprias ideias dos alunos, aproximando-os da leitura e da escrita. Outro grande diferencial é a diversificação na metodologia de trabalho em sala de aula devido à variedade de textos que são explorados, possibilitando o desenvolvimento do senso crítico dos estudantes.

Dentre os benefícios dessa metodologia, ainda foi possível incentivar o aluno a avaliar os fatos do seu tempo, trabalhar a oralidade, promover a ação em equipe, a ter ideia de

como funciona a atividade jornalística, desenvolver relações humanas e sociais, atuar como meio de aproximação da escola com o lar e a comunidade, bem como aperfeiçoar a linguagem oral e escrita, no ato da comunicação, deixando transparecer em seu conteúdo as atividades e o dinamismo da escola. O projeto ainda permitiu que se revelassem as vocações literárias dos alunos.

Segundo o jornalista e mestre em Comunicação Social Geraldo Mainenti, que atualmente leciona nas Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha), a prática do jornalismo impresso, com orientação adequada, desenvolve no jovem estudante os conceitos de cidadania, de responsabilidade social e de valorização das ações voltadas ao interesse público. "Despertará nele o senso crítico e a vontade de participação ativa em diversos segmentos da sociedade, preparando-o para ser um profissional seguro e determinado. Paralelamente, vai levá-lo a exercitar uma boa gramática e a estrutura de texto, tornando-o uma pessoa de comunicação simples e objetiva, ainda que não venha no futuro a escolher essa atividade como seu campo de trabalho", disse Mainenti.

A professora Sheila destaca: "Temos a certeza do dever cumprido e de que os alunos seguirão para o próximo ano mais informados, independentes e críticos".

Colaboração: Richard Günter



Colégio Estadual João Santos Souto
Rua Indígena, s/nº – Cosme Damião – Japeri/RJ
CEP: 26415-010
Tel.: (21) 3691-2153
E-mail: cejoaosantossouto@educacao.rj.gov.br
Direção: Elizabeth Jacomo Guimarães
Fotos cedidas pela escola



Garantindo a todos o direito à educação

Alfabetizar não se resume a ensinar a ler e escrever. É muito mais do que isso, pois possibilita que o aluno se desenvolva como ser humano, ficando integrado no mundo, independentemente da idade. Ensinar e aprender são práticas que envolvem um processo coletivo de troca de experiências e ideias, por isso a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um programa que demonstra não só na teoria, mas também na prática, que é possível mudar os rumos sociais através da educação.

A EJA no Brasil sempre foi marcada por movimentos ou iniciativas individuais de grupos, órgãos públicos e privados ou pesquisadores decididos a enfrentar o problema da existência de uma grande parcela da população que não teve a oportunidade de frequentar a escola regular. Compreende-se por EJA também o que chamamos de aprendizagem ao longo da vida, no contexto da educação continuada, no sentido de garantir o direito de todos à educação.

Em uma entrevista exclusiva à redação da Revista Appai Educar, Jaqueline Luzia da Silva (Professora Adjunta da Faculdade de Educação/Uerj), que participou da organização do livro "Educação de jovens e adultos – Reflexões a partir da prática", editado pela Wak Editora, nos esclarece uma série de dúvidas sobre a EJA.

A Educação de Jovens e Adultos hoje é praticada dentro dos sistemas de ensino (nos espaços formais de educação, nas escolas). Mas também acontece em estâncias não escolares (educação não formal ou informal). Assim, as redes de ensino têm investido no acesso à EJA de forma coerente com essas especificidades, diferenciando-a do ensino



pecífica para o ramo em que leciona (Pedagogia, para os anos iniciais do Ensino Fundamental, ou licenciatura nas diversas áreas, para os anos finais do Ensino fundamental e para o Médio) e seja concursado. O oferecimento de alfabetização para jovens e adultos fora dos sistemas de ensino não costuma exigir a titulação, embora boa parte dos educadores já seja formada ou esteja em processo de conclusão de seu curso.

Atualmente, os currículos de graduação (Pedagogia e demais licenciaturas) já apresentam em sua grade disciplinas específicas sobre Educação de Jovens e Adultos, embora nem sempre elas sejam obrigatórias. Também há cursos de pós-graduação *lato sensu* oferecidos por universidades públicas e privadas para especialização em EJA, geralmente para aqueles que já atuam na área. Além disso, os educadores devem receber nas escolas, nas coordenadorias ou nas secretarias de educação formação continuada/permanente para atuação na área.

regular para crianças e tentando atingir a demanda de escolarização da população. Fora dos sistemas, temos a presença de cursos de alfabetização para jovens e adultos, oferecidos por instituições não governamentais, igrejas e associações, em parceria ou não com o governo federal.

A partir das Diretrizes Curriculares Nacionais da EJA, cada sistema tem autonomia para elaborar orientações próprias, não repetindo o programa do ensino regular, mas criando um currículo próprio para a modalidade. Da mesma maneira, foi incluída no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-EJA), que seleciona materiais voltados para esse segmento de ensino. Ainda que não seja oferecida com a mesma duração da escola regular, seu currículo não é de qualidade inferior, apenas registrando algumas diferenças, uma vez que é adequado às necessidades de aprendizagens dos sujeitos jovens e adultos. Além disso, objetiva atingir as três funções da EJA: reparadora (recuperação de um direito negado a alguns sujeitos, necessidade de oferta), equalizadora (garantindo condições de permanência na escola e aprendizagem a todos) e qualificadora (promovendo a continuação dos estudos e a construção de conhecimentos após a escolarização). Observou-se, nos últimos anos, a presença de muitos universitários que foram estudantes dessa modalidade e conseguiram prosseguir com os estudos. De acordo com o Censo Escolar 2014, a Educação de Jovens e Adultos atende a 3,5 milhões de alunos, dos quais cerca de 25% estão matriculados nas classes de alfabetização. A faixa etária média é de 25 anos no Ensino Fundamental e 28 no Ensino Médio, de acordo com dados do Censo Escolar 2012.

Mas e você, professor, já pensou em trabalhar com EJA? Para ingressar nesta área é necessário que o docente tenha formação es-





Uma das dúvidas mais frequentes é: por que alguns jovens de 15 a 17 anos também fazem EJA? Jaqueline Luzia esclarece. “Por lei, os adolescentes nessa faixa etária têm direito a estar na Educação de Jovens e Adultos cursando o Ensino Fundamental (Diretrizes Operacionais da EJA – Resolução CNE/CEB 03/2010), da mesma forma que também podem cursar no sistema regular, pois não há nada que os obrigue a ir para o EJA ao completarem 15 anos. O que tem sido recomendado pelos sistemas de ensino é que os casos de alunos menores de 18 anos na EJA sejam a exceção e não a regra. Por isso, pais e diretores precisam analisar cada caso e avaliar se realmente há necessidade de que o adolescente seja matriculado, pois ela é vista por muitos como uma espécie de aligeiramento dos estudos ou como correção de fluxo e não a partir das características próprias da modalidade”, enfatiza.

O educador que deseja trabalhar com EJA necessita considerar as diferenças etárias e culturais do corpo discente, sem que isso implique a redução dos seus direitos, garantindo uma aprendizagem eficaz para a permanência

na escola e continuidade dos estudos. É importante também que os educadores se questionem sobre o que seus alunos precisam aprender, quais objetivos os trazem para a escola, que contribuições ela pode lhes dar. Da mesma forma, torna-se imprescindível o respeito ao saber dos educandos. Cabe ao professor o papel de compreender sua realidade e principalmente reconhecê-los em seu saber, fazendo com que o ambiente escolar reflita a complexidade das experiências vividas pelos jovens e adultos, facilitando sua aprendizagem. Jaqueline acrescenta ainda que é preciso pensar no planejamento sistemático das aulas, que considere a diversidade da condição do aluno de EJA, atendendo às dimensões do desenvolvimento, acompanhando e facilitando um projeto de vida.

Além disso, é necessário um engajamento no trabalho, com fóruns, encontros, discussões, para atualização, participação efetiva e compromisso com a educação. “Realizar o diagnóstico da turma e observar o dia a dia da sala de aula podem auxiliar na adaptação, criação e alteração do que acontece nas classes de modo a satisfazer as necessidades

de aprendizagem dos alunos. Também é bom esclarecer aos estudantes sobre o caminho pedagógico adotado pelo professor e, algumas vezes, discutir suas escolhas para que eles possam compreender por que atua de determinada maneira e não de outra, por exemplo. Uma relação pautada no diálogo permite que os alunos se abram, demonstrando suas dificuldades e desenvolvendo sua capacidade de se autoavaliar. Nessa relação dialógica, é possível conhecer cada estudante, suas habilidades, dificuldades e vivências, estabelecendo com eles uma relação afetiva, que dissipe o temor de errar ou de não saber, e permita mudanças na prática de acordo com as necessidades dos alunos. Acredito que sem essa relação dificilmente haverá aprendizagem”, ratifica.

Quando se trata de resultados, pode-se dizer que inegavelmente a Educação de Jovens e Adultos trouxe um impacto positivo para o mundo acadêmico, principalmente na formação dos professores. Hoje tem-se aberto mais espaço à discussão sobre a EJA nos cursos de graduação e pós-graduação, além da formação via cursos de extensão e ampliação de estudos e pesquisas sobre a área. “A formação de professores precisa se debruçar sobre diversos aspectos. Entre eles o aprofundamento de conceitos educacionais, sem visão superficial dos conteúdos. Muitas vezes não há um mergulho nas questões pedagógicas fundamentais, que muitas vezes são trabalhadas de maneira rápida e insuficiente”, explica Jaqueline. Outra discussão importante é o estímulo à visão crítica e curiosa. É necessário que a formação docente garanta a construção de ferramentas eficazes para que o professor continue pesquisando e aprendendo durante a ação docente.

Jaqueline ainda pondera: “com relação à formação de professores para atuarem nesse segmento, é imprescindível que conheçam a história da EJA, seus fundamentos teóricos e legais e os sujeitos atendidos por ela. É necessário que o educador, ainda na formação inicial, tome consciência da situação atual dessa modalidade, como política pública e dever do Estado. E que, no momento

da graduação, o profissional receba formação em teorias pedagógicas sobre a juventude e a vida adulta, a fim de conhecer e perceber o seu aluno como sujeito de direitos, respeitando seus saberes e sua realidade”.

Ressalta-se ainda que na formação é necessária uma constante reflexão sobre a prática, proporcionada pelo estágio supervisionado. Este não deve ser suprimido na formação inicial, pois é um espaço privilegiado de troca entre aqueles que ensinam e os que aprendem. É um local de formação, construção e criação. Na EJA é também onde se pode entrar em contato com uma modalidade diferenciada e, portanto, permeada de significados distintos. É a partir do estágio supervisionado que a própria Educação de Jovens e Adultos pode ser repensada.

Uma formação permanente possibilita novas reflexões sobre a prática, garantindo que os educadores transformem não só o seu discurso, mas também o seu fazer. “A pesquisa na área da EJA tem se expandido ao longo dos últimos anos. Temos visto muitas dissertações e teses que estudam, analisam, questionam e interpelam a EJA, ampliando o olhar sobre a área e aprimorando a prática”, finaliza Jaqueline.

Colaboração: Richard Günter

Professor,



Conheça os seus benefícios

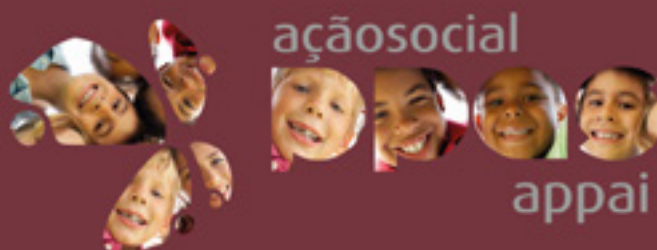


appai.org.br



+mais appai

PROJETOS SOCIALMENTE RESPONSÁVEIS DA APPAI
FOMENTAM A MELHORA DO ENSINO INFANTIL



PROJETO CARIOQUINHA



PPAS
appai

Investindo na Educação Infantil

Promover melhores condições para o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 4 anos é um dos objetivos do projeto que já revitalizou um prédio em Acari, Zona Norte do Rio, com pinturas, colocação de janelas, construção de um banheiro, além de uma brinquedoteca, adequada às exigências legais, e capacitação de professores. O *Projeto Carioquinha* é uma iniciativa do PPAS (Programa de Projetos e Ações Sociais) para melhorar a qualidade no atendimento de crianças matriculadas em creches e escolas comunitárias. Nas visitas realizadas às unidades educacionais cadastradas no programa da Appai, identificou-se a dificuldade dessas instituições em oferecer atendimento adequado, a falta de educadores capacitados e de prédios desestruturados que não preenchem as necessidades das crianças. Esta demanda, que sofre por estar inserida em comunidade de baixa renda, com elevado índice de violência, alheia a programas de cultura e lazer, necessita de programa de educação adequado.

A maior parte dessa população sobrevive com seus direitos básicos sendo negados, como acesso à saúde, saneamento e educação. Apesar de garantidos em nossa Constituição, percebe-se que a cada dia aumentam os bolsões de pobreza nas comunidades do Rio de Janeiro, e com ele a ineficiência de políticas públicas para o atendimento da população marginalizada. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), há mais de 30 milhões de brasileiros analfabetos funcionais com idade acima de 10 anos, e para a ONU o Brasil ainda registra índices vergonhosos, pois mais de 14% da população do país ainda apresenta dificuldades nessa questão básica.

A partir desses dados e visitas técnicas a essas instituições, o PPAS encontrou motivação para propor um projeto de melhoria na qualidade do atendimento oferecido às crianças, através da formação de parceria entre a Appai e



a instituição cadastrada, com investimento voltado para reformas, adequação às normas de segurança, capacitação de educadores, assessoria técnica, dentre outras ações.

O Centro Comunitário Parque Unidos de Acari (CCPUA) foi o primeiro a receber o *Projeto Carioquinha*. Cerca de 60 crianças, 12 profissionais da creche e 25 jovens/adolescentes já foram beneficiados. Através da realização, foi possível garantir educadores com maior noção e clareza de suas responsabilidades, crianças mais felizes por terem um melhor lugar para brincar e aprender, além de uma área revitalizada, adequada às exigências legais, pronta para ser usada. Para Jussara dos Santos, representante do PPAS, a intenção é proporcionar um ambiente com melhores condições para as crianças se desenvolverem. "Ter um espaço agradável e harmonioso contribui para as relações e para o desenvolvimento das atividades realizadas pelos educadores", acrescenta Jussara.

De acordo com a assistente social do PPAS, Márcia Marinho, o Projeto surgiu numa localidade em que a maioria da população sobrevive com seus direitos básicos negados. "É gritante a ineficiência de políticas públicas, as crianças expostas a vários riscos. Isso me fez escolher essa creche para fazer o piloto do *Carioquinha*, além do fato de que nela as pessoas querem fazer o bem", diz Márcia. As mudanças foram tão positivas que hoje a creche do CCPUA tornou-se um local de articulação onde há reuniões de "Balcão de emprego" e Saúde da Família, levando palestras e novas possibilidades para a comunidade. "A ideia era revitalizar e articular. Estamos no caminho certo. Como sempre repito para eles: devemos fazer o bem, bem feito!", ratifica a assistente social. Já o Presidente do CCPUA, Luiz Cláudio, agradece: "Sem o apoio da Appai o Centro Comunitário estaria fechado. Ele estava para cair e agora podemos continuar a atender as 60 crianças com estrutura renovada", enaltece.

A participação de voluntários é para todos que gostam de crianças, tenham engajamento e compromisso com a causa social. Atualmente, precisa-se de profissionais como nutricionista, enfermeiro, contadores de histórias, artesãos etc. Para se tornar um voluntário do Centro Comunitário Parque Unidos de Acari, ligue para o número (21) 2407-1709 e faça seu cadastro.

Colaboração: Richard Günter

MAS O QUE FAZ O PPAS?

OBJETIVO GERAL

Através do investimento financeiro à instituição cadastrada/escolhida, busca proporcionar melhores condições para o desenvolvimento integral das crianças de 0 a 4 anos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Capacitar as educadoras da creche/escola comunitária, através da formação continuada com orientação pedagógica e de participação nas palestras do Benefício Educação Continuada da Appai.
- Promover a adequação dos espaços das creches às exigências legais do Ministério Público, do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente e dos Conselhos Tutelares (CMDCA).
- Realizar melhorias nas instalações físicas, adquirir equipamentos e material pedagógico.
- Criar a Escola de Pais como espaço de reflexão, palestras e interação familiar com a comunidade e com a creche.
- Incentivar a diretoria a se articular para a sustentabilidade da instituição, através do desenvolvimento de rede de parceiros, de proteção social com diversos atores.
- Estimular a parceria com as prefeituras municipais, com os Centros de Referência da Assistência Social (Cras) e com a Coordenadoria Regional de Educação (CRE).



Agenda do Professor

O CARNAVAL JÁ ACABOU, MAS AS PALESTRAS CONTINUAM

O Benefício Educação Continuada preparou para você diversas palestras, cursos e oficinas sobre os mais variados temas. Confira nossa programação e inscreva-se.

4ª feira 24/FEV	Jogo e Educação: vivenciando experiências lúdicas Horário: 8h30 às 12h30 Palestrante: Tania Nhary	5ª feira 10/MAR	Educação Inclusiva: teoria e prática Horário: 8h30 às 12h30 Palestrante: Clarissa Kauss
sábado 27/FEV	Pedagogia de Projetos: ano letivo sem mesmice Horário: 8h30 às 12h30 Palestrante: Paty Fonte	6ªs feiras de 01/MAR até 16/DEZ	Curso Intermediário de Libras – em contexto presencial – 160h – pré-inscrição para a turma de 2016 – horário da manhã Horário: 8 às 12h Palestrante: Equipe Apilrj
sábado 05/MAR	Oficina com Piaget na Escola: Brincando? Jogando? Trabalhando? Criando? Horário: 8h30 às 12h30 Palestrante: Hebe Goldfeld	sábado 12/MAR	O Estresse na Vida Moderna Horário: 8h30 às 12h30 Palestrante: Lucio Emmanuel Novais
3ªs feiras de 08/MAR até 13/DEZ	Curso Intermediário de Libras – em contexto presencial – 160h – pré-inscrição para a turma de 2016 – horário da tarde Horário: 12h30 às 16h30 Palestrante: Equipe Apilrj	5ª feira 17/MAR	A Nova Ortografia da Língua Portuguesa Horário: 8h30 às 12h30 Palestrante: Fernanda Lessa
4ª feira 09/MAR	A Literatura na Prática Pedagógica: desafios e compromissos docentes Horário: 8h30 às 12h30 Palestrante: Julio Emilio Braz	sábado 19/MAR	A Motivação no Processo de Ensino-aprendizagem Horário: 8h30 às 12h30 Palestrante: Denis Giovani Monteiro Naiff

Para mais informações, acesse o **Portal do Associado: appai.org.br**



**FAÇA AS MALAS E ESCOLHA UM DOS DESTINOS ACONCHEGANTES
QUE AS SERRAS DO RIO DE JANEIRO PROPORCIONAM.**

O SEU DESCANSO NAS SERRAS DO RIO COMEÇA AQUI.

- Valença
- Penedo
- Cachoeiras de Macacu
- Casimiro de Abreu

AGENDE SUA PRÓXIMA VIAGEM!



CAMINHADAS E CORRIDAS
BENEFÍCIO APPAI

Todos os caminhos te levam ao seu evento favorito!

Outras Etapas no
SITE

6

5

20/ABR
**Circuito Rio
Antigo**

10/ABR
Barra Run

3

20/MAR
Soul Carioca

2

17/ABR
**Corrida das
Torcidas**

Inscreva-se no
Portal do Associado.

28/FEV
Barra Run

1

RODA DE SAÚDE

VOCÊ SABIA QUE OS RINS SÃO RESPONSÁVEIS POR FUNÇÕES VITAIS NO ORGANISMO? E QUE A MAÇÃ PODE CONTRIBUIR PARA SE OBTER UMA VOZ SAUDÁVEL?

Fique atento ao calendário da Roda de Saúde e não perca a oportunidade de debater temas importantes para a melhoria da sua qualidade de vida com o Programa Saúde 10.

14/MAR

CUIDE DO SEU RIM



11/ABR

**E QUANDO A VOZ FALHAR?
CUIDADOS COM A VOZ**



Programa
Saúde 10
Appai



Projeto
**Terceira
idade**



appai.org.br

Nova turma
MAIO

**PREVENÇÃO, AÇÃO, LAZER, INFORMAÇÃO E
INTEGRAÇÃO NO MELHOR DA IDADE**

Inscrições abertas de segunda a sexta:

Presencial na sede da Appai • Tel.: (21) 3147-2337

Site: www.appai.org.br/Saude10



APP AI MOBILE

JÁ BAIXOU O APLICATIVO DA APPAI NO SEU CELULAR?

Com ele você tem acesso rápido ao quadro de profissionais colaboradores dos benefícios Médico e Odonto. Pode também criar alarmes para lembrar da próxima consulta, fotografar suas prescrições médicas para levá-las sempre com você, acessar as notícias sobre os benefícios e muito mais. **VEJA COMO É FÁCIL BAIXAR:**

OPÇÃO 1 (ANDROID)

Se você possui aparelho das marcas **Samsung, LG, Motorola, Sony** ou **Asus**, o sistema é *Android*.

- 1 No aparelho, procure o ícone **Play Store**.
- 2 No campo de busca, digite **"Appai"** e clique em **"instalar"**.
- 3 Espere alguns segundos e o ícone da **Appai** aparecerá na sua tela principal.

Pronto! Agora é só começar a usar o aplicativo.

OPÇÃO 2 (iOS)

Se você possui um aparelho da marca **Apple (iPhone)**, o sistema é o *iOS*.

- 1 No aparelho, procure o ícone **App Store**.
- 2 No campo de busca, digite **"Appai"** e clique em **"baixar"**.
- 3 Espere alguns segundos e o ícone da **Appai** aparecerá na sua tela principal.

Pronto! Agora é só começar a usar o aplicativo.

OU

BAIXE GRÁTIS O APLICATIVO NO SEU CELULAR E TENHA SEMPRE O GUIA DO ASSOCIADO NA PALMA DA SUA MÃO.



2018 Grande Baile Appai

30/04

Horário: 19 às 24 horas

Local: Centro de Convenções Ribalta

Endereço: Av. das Américas, 9.650 – Barra da Tijuca



DESCUBRA O RIO QUE VOCÊ NÃO CONHECE

PREPARAMOS UM **CALENDÁRIO** PARA
VOCÊ CONSEGUIR SE PROGRAMAR E
PARTICIPAR DOS PRÓXIMOS ROTEIROS.

CONFIRA A RELAÇÃO ATRAVÉS DO SITE
APPAL.ORG.BR, FIQUE ATENTO ÀS DATAS E
INSCREVA-SE NO PORTAL DO ASSOCIADO!



APPAL
ROTEIRO 21
RIO